

mana; e a oração se póde estender athé hora e meia cada dia conforme a possibilidade, e occupaões da creatura. As mortificaões corporaes se pódem accrescentar algum pouco; e os actos de amor de Deos, jaculatorias, e communhões espirituaes devem já ser mais frequentes, e maior o retiro, e abstracção das creaturas, e ociosidades.

284 Tanto que o Director vir que a creatura depois de algum tempo de exercicio de virtudes conforme o seu fervor, e cuidado já lhe tem ganhado affecto, e inclinação, e se tem adiantado nellas, aindaque as não tenha adquirido em gráo perfeito, a póde introduzir ao estado da união activa, e contemplação adquirida, como acima se disse, (*an. 208. e 221.*) em que a materia da oração, que póde estender-se a duas horas cada dia em pessoas desocupadas, deve ser a bondade, grandeza, e mais attributos, e perfeiões de Deos; o que tem obra-do por nós; o amor, e beneficios, que lhe devemos; as suas obras *ad intra*, e *ad extra*, e tudo o que a possa conduzir ao conhecimento de Deos, para que por força destas noticias particulares, vá adquirindo habito de húa noticia geral, em que consiste a contemplação.

285 Assim ao principio deste estado deve deter-se em meditação destas verdades, mas completando-a com alguns actos de contemplação, athé que depois de ter adquirido habito desta a pratique pela maior parte do tempo quanto poder, começando sempre por meditação. Aqui se devem praticar com frequencia a oração de recolhimento, de quiete, e de fé adquiridas, que acima ficão explicadas. (*an. 230.*) Tambem são proprias deste estado, e de todos, como dissemos, (*an. 138.*) as meditações da Vida, e Payxão de Jesus Christo; e algúas vezes será bom que tambem medite nas da purgação activa, para mais se firmar na humildade, temor de Deos, e conhecimento proprio. Nas festividades maiores, e principaes mysterios da Igreja he bem que as almas os tomem para materia da oração (e isto em todos os estados) acompanhando no júbilo a Mãe universal dos Fieis.

286 A presença de Deos deve aqui ser intellectual pela maior parte, e continua o mais que poder ser. Os actos de amor de Deos, e communhões espirituaes mui frequentes, assim como as orações jaculatorias, que devem ser terminadas a inflamar o coração no amor de Deos, e união da vontade com a do mesmo Senhor, como estas, e outras assim: *Diligam te Domine fortitudo mea. Deus cordis mei, & pars mea Deus in eternum. Deus meus, & omnia. Meu Deos, quem vos amára como mereceis! Faça-se em mim, Senhor, a vossa divina vontade. Adoro, Senhor, a profundidade dos vossos juizos, e as disposições da vossa providencia.* A lição espiritual deve ser em livros piedosos, que relatem as grandezas, e perfeições de Deos; o poder da sua vontade, que tudo dispõe, e governa; a sua bondade, misericordia, e beneficios, que lhe devemos; a formosura da gloria, da graça, e da virtude; e a felicidade, e gozo do amor de Deos, e da conformidade, e paz do coração.

287 As communhões podem ser quatro ou cinco cada semana, ou as que julgar que convem o Director; e algũas vezes a quotidiana poderá ser conveniente, ou necessaria; mas não sempre, nem geralmente a conceda. A abstracção das creaturas, o recolhimento, e silencio, a pratica das virtudes, o amor aos trabalhos, e desprezos pelo Senhor, a humildade, e conhecimento proprio devem aqui ser na creatura hum exercicio continuo: mas o mais principal ha de ser a negação ao seu proprio juizo, e parecer no da obediencia, e hũa total renunciação, e deixação de si, e da sua propria vontade nas mãos de Deos, conformando-se em tudo com a delle, e vivendo com ella tão ajustada, unida, e conforme, que nada obre a sua; senão a de Deos, e que a esta attribúa tudo o que acontecer prospero, ou adverso, ficando em tudo com aquella paz, e tranquillidade de coração, em que dissemos consiste a união activa. (*an. 208.*)

288 Este he o estado da perfeição proprio da creatura, e o mais alto, a que ella póde chegar por sua diligencia com o soccorro da graça, por isso neste se ha de

de exercitar, e aqui se ha de deter, em quanto Deos a não passar ao passivo, e se a não tirar deste, deixe-se estar, que está bem, e neste, se se ouver fielmente, póde fer mais santa do que outras, que andassem nos passivos muitos annos. Mas o ordinario he não se passar muito tempo, que o Senhor as não leve ao passivo, por que elle está prompto da sua parte, e deseja muito a nossa maior perfeição, e se a creatura se dispõe, e tira o obice, em breve o Senhor a chama ao deserto da contemplação infusa, ou purgação passiva do sentido, que he a que immediatamente se segue. Assim deve a alma exercitar-se neste estado de união activa, e contemplação adquirida em quanto não vir em si os tres sinaes para passar á contemplação infusa, que acima dissemos com S. João da Cruz; (*an.* 248.) depois dos quaes se deve hir purgando activamente segundo a parte espiritual, como tambem fica dito, (*an.* 241.) que he a disposição immediata á purgação passiva do sentido, a que Deos a chama.

- 289 Nem faça dúvida ao Director para exercitar aqui a creatura na contemplação adquirida, o que communmente dizem os Mysticos com S. João da Cruz, que o estado de principiantes he só de meditação, e que só esta se ha de deixar quando já se não poder meditar, e que só no estado de proficientes he que passa a alma á contemplação; não faça isto duvida; pois como dissemos com o veneravel Segneri, (*an.* 215.) a contemplação adquirida pouco differe da meditação, e sempre por ella principia; por isso os PP. lhe chamão meditação; e só dão absolutamente o nome de contemplação á que já tem parte de infusa, que começa no estado da purgação passiva do sentido.

290 Ultimamente advirta o Director, e advirta á creatura que a querer seguir a virtude deveras se apparelhe para a perseguição, que vem sem duvida; porque ha mil olhos para húa alma destas, quando para mil almas de outra qualidade não ha nenhum. Ha de fer martyr do mundo, e se ella não quizer bem morrer a elle, elle

elle a matará ; porque o mundo ainda sendo máo sabe aonde está a virtude , não para a seguir , mas para perseguir a quem a segue ; e como juiz indiscreto não consente faltas nos bons , e se lhas vê , logo cuida em lhas corrigir á custa de murmurações. Apenas a creatura começa , logo o mundo quer que seja perfeita ; e de mil legoas lhe entende hũa falta , que ás vezes o não he , ou he virtude , parecendo-lhe que não ha de comer, nem dormir, nem dizer palavra , e que deve ser impeccavel sem cometter hum defeito ; e qualquer que lhe veja, ou julgue logo tudo he condemnado a falsidade ; quer o mundo que a alma apenas começa a andar logo võe , e que logo ao principio faça as acções heroicas dos Santos confirmados em graça ; não advertindo que se os justos caem sete vezes no dia , e os mesmos Apostolos cõmettião faltas , que muito he que as tenha , quem ainda á pouco começou a vida dos justos ; principalmente sendo certo que em quanto vivemos neste sacco da mortalidade, andamos sugcitos ás suas miserias ? He para louvar ao Senhor o que por este caminho pãdece hũa alma ; e tambem para lastimar que muitas por falta de animo temem , e tornão atraz. Haja pois valor para ir por diante entre as lanças dos inimigos , que Deos está ahi com quem por seu amor sofre , e não teme os golpes.

TRATADO QUARTO

DO ESTADO DE APROVEITADOS, OU
Via illuminativa, e seus exercicios,

CAPITULO I.

Em que consista o estado de Aproveitados?

291

O Estado de *Aproveitados*, ou *Proficientes* na vida do espirito chama-se tambem *Via Illuminativa*, não porque só conste de illumination, mas porque nelle succede a principal, e mais sublime, que he a passiva; e porque já aqui vai a alma tendo mais illustrado o interior para se conhecer a si, e a Deos mais claramente, os seus proprios defeitos, e a estimação, que deve fazer da virtude para a solicitar com mais ancia. Por isso o Veneravel Dionisio Cartusiano disse, (*De fonte lucis. c. 8.*) que a via illuminativa he hum cuidado, ou occupação da nossa alma em ordem a contemplar as grandezas, e perfeições de Deos; porque já aqui a alma trata mais familiarmente com elle por graça, e misericordia sua, que a chama, e introduz ao interior do palacio, e se lhe mostra mais de perto, e com mais luz; mas por isso mesmo tanto fica mais cega quanto mais vê, e tanto mais em trevas quanto mais perto da luz; porque esta he húa luz escura pela sua excessiva claridade, e que por muito activa quanto mais faz ver tanto mais cega; ao modo de quem olha fixamente para o Sol, que com actividade dos raios fica por algum tempo em trevas.

292 Por esta causa ás duas purgações passivas húa do sentido, outra do espirito, que ambas se fazem nesta via illuminativa, ou estado de proficientes, chama S. João da Cruz *Noites Escuras* com muita propriedade; não porque não sejam luzidas, mas porque nellas resplandece a luz nas mesmas trevas, ou as trevas se fazem pela muita abundan-

dancia da luz, como diremos. (n. 313.) Esta pois he a ferie, que ordinariamente se segue neste estado de aproveitados, ou via illuminativa. A purgação passiva do sentido he o principio deste estado, ou ella se comece nelle, ou no fim do de principiantes; o certo he que no principio deste se continúa, e he já de contemplação parte infusa, parte adquirida, como está dito, e se dirá.

293 Feita a purgação passiva, se segue hum estado de consolações, gozos, e favores sobrenaturaes, que Deos communica ás almas, que passarão animofas pelos grandes trabalhos da purgação passiva antecedente, a qual he disposição immediata para este feliz estado de consolações divinas; e a este he que se chama propriamente illumination passiva, no qual succedem as vistas dos esposos, ou ajustes dos desposorios, porque ahi estando a alma depurada pela precedente purgação de muitas maculas, que lhe offuscavão os olhos do interior se lhe deixa ver o Amado já de perto, e entra ella já a gostar como he suave o Senhor, se enamora, e agrada d'elle, e se accende em anciosos desejos de celebrar com elle o espiritual matrimonio, e o pede anciosamente ao Amado, o qual lhe dá esperanças de que brevemente se desposará com ella, e depois se celebraráõ as bodas solemnes. Por isso não dura muito este estado de gozos, porque ancioso o Amante Divino de se desposar com a alma a introduz a breves espaços na purgação passiva do espirito, que he disposição prévia, proxima, e indispensavelmente necessaria para os divinos desposorios. E no fim desta purgação, ou noite escura do espirito he que acaba o estado de aproveitados.

294 He pois, como dissemos, este estado de proficientes já todo de contemplação infusa; mas no principio, como Deos quer trazer a alma em trevas, e na escuridade da fé, he esta contemplação tão subtil, que se não deixa conhecer da creatura; por isso anda defabrida, atribulada, e cheia de desconfolação, por lhe parecer que tornou a tras, que está perdida, que nada faz no caminho da virtude, e que Deos a tem desamparada; e todo

o seu ponto he ver se se póde tornar a afervorar nos discursos, e meditações, anciosa pela consolação sensível, que nellas tinha: mas quanto mais cuida nisto menos faz, porque obra contra o que Deos então quer, e dispoem.

295 Por esta causa ainda que muitas almas, ou talvez todas as que se dão resolutivamente á vida do espirito, chegam a este estado de purgação passiva do sentido, muito poucas passão daqui, e as mais dellas tornão a traz, e estão toda a vida no estado de principiantes, ainda que tenham vida de oração, e a pratiquem todos os dias, porque não sabem pôr-se no vazio de imagens, e discursos, e continuão sempre em ser crianças da escola, podendo já saber a alta sciencia do espirito. E assim porque, como acima dissemos com S. João da Cruz, (n. 222.) aos principios da contemplação costuma ser a noticia amorosa subtil, e delicada, e quasi insensível; e havendo estado a alma habituada ao exercicio da meditação, que he mais sensível, quasi não sente, nem percebe a novidade insensível da contemplação, que he já pura de espirito; por isso tornão a traz as almas; e deixando o que lhes he imperceptivel, e delicado da contemplação, em que não achão o gosto, que achavão no material, e sensível da meditação, e a variedade, que antes as deleitava, de diversas figuras, e corporeas representações, se tornão a estas, parecendo-lhes que assim mais ao palpavel estão mais devotas, e recolhidas, e lhes irá melhor; e assim deixão o mais gostoso, levantado, e mais proveitoso exercicio, que começavão a gostar da contemplação, com que Deos queria regalá-las.

296 Assim succedeu aos filhos de Israel no deserto, que dando-lhes Deos para sustento a suavidade do Maná, que era pão do Ceo, e dos Anjos, doce como o mel, e que tinha em si o gosto, e suavidade de todos os manjares; e sabia a cada hum ao que desejava, (Sap. 18.) elles affeitos aos manjares grosseiros, e usaes se enfastiavão daquelle delicado, e levissimo, (como dizião) e suspiravão pelas panellas de carne, e pelo pão dos pobres jornalheiros, e choravão pelas cebolas, e alhos do Egypto.

(*Num. 11.*) Assim as almas afeitas ás representações sensíveis da imaginação, e á occupação do discurso em cousas perceptíveis antes as querem do que a contemplação, cuja suavidade ao principio por delicada apenas se sente, e percebe pelos espiritos afeitos ás grossarias da meditação.

297 Mas se se determinassem a proseguir por diante, e passar alguns dias como em jejum pelo delicado do novo manjar, brevemente se affarião a elle, e experimentarão os seus regalos, e conveniencia, como succederia a hum rustico creado em húa aldea, e ferrania, que se passasse a viver no palacio, ao principio estranharia os delicados manjares, mas a pouco espaço se lhe accommodarião com o gosto, e com o estomago. O mesmo succede aos que aprendem a nadar, que se sem medo se levantão sobre as aguas deixando de ir pela terra, brevemente gozão o intento; mas se sempre quizerem ir com os pés na terra nunca aprenderão a nadar, ainda que muitos annos se banhem. Assim os espirituaes, se sempre quizerem caminhar rasteiros pelos discursos, e formas sensíveis, sem se quererem levantar ao alto, nunca gozarão dos proveitos, e suavidade da contemplação, aonde Deos mais se communica; mas se se souberem soltar, serão levantados docemente como o Espirito do Senhor sobre as aguas da suave contemplação

298 Por esta causa se queixa muito S. Theresa em varios lugares, que se pódem ver adiante, (*an. 596.*) de alguns Directores, que ou por ignorantes, ou por timoratos deixão estar as almas como entorpecidas, e acanhadas no rasteiro da meditação, e discursos, quando Deos as chama ao alto da contemplação pacifica. E S. João da Cruz lhes dá por isso húa reprehensão severa, entre outras sabias instrucções, das quaes resumiremos algúas adiante, (*an. 574.*) outras, ou todas se pódem ver nelle mesmo. (*Llama. Can. 3. v. 3. §. 4. e seguintes*) Seja pois muito advertido o Director sobre este ponto tão substancial, e necessario; e cuide bem tanto em não querer que as almas voem a este estado passivo da

con-

contemplação em quanto Deos as quer no da meditação; activa, como em não as deter, e fazer andar arrastadas pela terra, quando Deos as chama, e quer elevar ao alto.

299 Para não errar em hum, e outro lhe servirão de guia os tres sinaes de S. João da Cruz, que acima deixamos apontados, (*an.* 248.) para conhecer quando ha de dispor a alma com o vazio das potencias, e purgação activa do espirito para esta passiva do sentido, e os outros tres, que com o mesmo Santo poremos no Capitulo seguinte, para conhecer quando Deos tem introduzido a alma nesta purgação do sentido, e estado de contemplação infusa. Advertindo bem, que quando Deos não der a contemplação infusa, e sempre que a creatura obrar por propria diligencia depois de introduzida a este estado passivo, deve conservar-se naquelle vazio de potencias, e abstracção de imagens, que dissemos, e naquella noticia geral, e amorosa, em que consiste o exercicio da contemplação activa, que a isto chama S. João da Cruz (*Llama ubi supra* §. 6.) ajuntar noticia com noticia; isto he a da contemplação activa por nossa diligencia, com a da passiva por favor de Deos, e para a qual dispoem a mesma activa.

CAPITULO II.

Dos sinaes por onde se póde conhecer que Deos tem introduzido a alma ao estado de aproveitados, ou noite passiva do sentido.

300 **D**Epois que S. João da Cruz tratando da purgação activa do espirito dá os tres sinaes, que no lugar citado declaramos, para se conhecer quando deve a alma exercitar-se na dita purgação activa do espirito, e por-se no vazio de potencias, e abstracção de imagens, que he necessaria como disposição para a contemplação infusa, e para entrar no estado de aproveitados, e noite passiva do sentido; quando depois (*Noite esc. l. 1. c. 9.*) entra a tratar da mesma noite passiva do sentido;

tido; e estado de aproveitados nos dá outros tres sinaes para se conhecer quando a alma já vai, ou está no caminho da dita noite, ou purgação passiva, os quaes são tão parecidos com os tres, que dá para o vazío das potencias, e tão pouco differentes delles, que bem dá a entender que ou são os mesmos, e que ao mesmo tempo, q̄ a alma he chamada passivamente por Deos para a purgação do sentido, deve ella trabalhar activamente na purgação do espirito; ou que esta purgação he tão proxima, e como disposição immediata áquella, que ambas se conhecem pelos mesmos sinaes com pouca, ou nenhũa differença como se verá.

301 Estes pois são os tres sinaes, que o Santo aponta para se conhecer se as escuridades, seccuras, e defabrimentos, em que a alma se vê, procedem de Deos, e desta purgação passiva do sentido, em que elle a tem introduzido; ou são effeito de peccados, ou imperfeições, froxidão, ou tibieza della, ou de algum humor, ou indisposição corporal. O primeiro he, se assim como não acha gosto, nem consolação nas cousas de Deos, tambem o não acha em alguma das cousas creadas. O segundo he, que ordinariamente traz a memoria em Deos com attenção, e cuidado penoso pensando que o não serve, se não que torna atras como se vê sem aquelle sabor nas cousas de Deos. O terceiro he não poder já meditar, nem valer-se do sentido da imaginação, ainda que mais faça da sua parte. Confirão-se estes com os outros tres, e ver-se-há que ou são os mesmos, ou com pouca differença; e que todos são indicios desta purgação do sentido, os primeiros de que vai a alma entrando nella; os segundos de que já de facto entrou, e está nella.

302 As razões que dá o mesmo Santo porque por estes sinaes se póde conhecer, que a alma está na purgação do sentido, e que della procedem as seccuras, e escuridades, e não de defeito, ou máo humor da creatura são as seguintes. Quanto ao primeiro, porque como Deos poem a alma na noite escura a fim de enxugar-lhe, e purgar-lhe o appetite sensitivo, em nenhũa cousa a deixa engo-

losi-

losinar, nem achar fabor. E nisto se conhece provavelmente que esta seccura, e dissabor não provêm de peccados, nem de imperfeições novamente commettidas: porque se isto fosse sentir-se-hia no natural algũa inclinação, ou desejo de gostar algũa cousa, que não fosse das de Deos; porque quando o appetite se relaxa em algũa imperfeição, logo se sente ficar inclinado a ella pouco, ou muito segundo o gosto, e affeição, que ahi applicou.

303 Quanto ao segundo final he a razão, porque nisto se vê que não nasce de froxidão, e tibieza o sem fabor, e seccuras, que a alma sente: porque da razão da tibieza he não se lhe dar muito, nem ter cuidado interior nas cousas de Deos. Que esta he a differença entre a seccura, e a tibieza; que a tibieza causa muita remissão, e froxidão na vontade, sem cuidado de servir a Deos; mas a seccura purgativa traz consigo ordinaria attenção com cuidado, e pena (como se disse) de que não serve a Deos. Quanto ao terceiro he a razão porque como aqui começa Deos a communicar-se á alma não já por sentido, como antes fazia por meio do discurso, senão por espirito puro, em que não há discurso successivamente, e se lhe communica com acto de singela contemplação, a qual não alcanção os sentidos materiaes, daqui he que a imaginação, e fantasia não pódem fazer arrimo, nem dar principio a algũa consideração, nem achar nella pé dahi em diante.

CAPITULO III.

Que cousa seja a purgação passiva do sentido?

304 **A** *Purgação Passiva do Sentido*, como dissemos com S. João da Cruz, he hum estado de trabalhos, seccuras, e escuridades, em que Deos poem a alma depois de ter andado nos gostos, suavidades, e consolações sensiveis da meditação, e contemplação adquirida: a qual purgação consiste em hũa obscura, árida, e imperceptivel contemplação infusa, que Deos lhe communica, e com a qual lhe subtrahе a luz, e suavidade da
gra-

graça sensível, para que perdendo o apêgo, com que a estimava, talvez mais do que a mesma virtude, comece a andar pelo caminho seguro da fé, e amor de Deos puro, desinteressado, e do espirito, que he já dos fortes, e crescidos na virtude. E como a alma pela subtracção da luz sensivel fica ás escuras, e não acha outro caminho senão o da fé, por onde Deos só quer então que ella vá, e a fé he tambem necessariamente obscura, ainda que certa, porque não deixa, nem faz ver o mesmo, que affirma, por isso a esta purgação (e tambem á do espirito pela mesma razão) chama S. João da Cruz *Noite Escura*.

305 Advirto porém que a contemplação, em que consiste esta purgação passiva, ainda que he infusa, e sobre natural, he tão remissa, obscura, subtil, e imperceptivel, principalmente ao principio, que não a chega a conhecer a creatura, nem attinge a admiração, e gozo, que ella causa, porque como he instrumento purgativo, só Deos deixa ver o que nella he penoso, e esconde o suave, e delectavel; e tambem porque como he o primeiro gráo de contemplação infusa, he muito inferior, e imperfeito a respeito dos que se seguem, e estando a alma affeita ás suavidades da meditação, e contemplação adquirida, que são mais sensiveis, não conhece as desta, que são mais subtis, e espirituaes; e assim como a contemplação activa pela proximidade, q̄ tem com a meditação, e por entrar a alma nella acostumada a esta pouco differe della, como fica dito, (*n. 215. & seq.*) assim esta contemplação infusa pouco differe da adquirida pelas mesmas razões; e por isso se póde chamar parte adquirida, parte infusa, principalmente nos principios, em que ordinariamente se alternão já húa, já outra.

306 Chama-se *passiva* esta purgação, porque nella he Deos o principal agente illustrando, e allumiando subtilmente o entendimento, para que faça mais ponderação, e estimação de Deos do que athé alí, e lhe tenha a vontade hum mais forte, e sincero amor, só por seu amor; para cuja illustração só se ha a creatura passivamente recebendo em si a qualidade sobre natural, que Deos lhe in-

fun,

funde, com a qual já póde depois obrar activamente produzindo os actos das potencias. E como os actos destas, que são conhecimento, e amor, vão crescendo n'alma, aindaque escura, e imperceptivelmente, são causa das penas, e sentimentos, que tem, de se ver com seccuras, e pouco fervor na oração, e exercicios espirituaes temendo, e suspeitando que está em desgraça de Deos, e que torna atras no caminho do espirito: e este mesmo amor, sem ella o advertir, he a causa de andar com tantas ancias buscando a Deos, e diligenciando meios de o achar com jejuns, e penitencias; clamando a elle, e fugindo das occasiões de o offender. Pelo q̄ tudo he revolver a sua consciencia, fazer confissões geraes, procurar pessoas doutas com quem consultar, e orações de pessoas de virtude para que a encomendem a Deos, e lhe alcancem delle misericordia, e remedio em tão grande necessidade, e desamparo, em que se julga.

307 E verdadeiramente causa grande lástima ver a miseria, e tribulação, em que a pobre alma se vê neste penoso estado; porque Deos se lhe esconde, e ausenta com as graças sensiveis, que lhe communicava, e dá liberdade a tudo o mais para que se rebelle, e conjure contra ella, e conspire em seu tormento, como os amigos de Job quando o virão neste desamparo; porque o entendimento está escuro como húa noite tenebrosa: a vontade esteril, e secca como terra sem agua: a imaginação solta como náó sem vélas, nem remos fluctuando entre mil pensamentos inquietos; e se porfia em a recolher com força mais se secca, e escurece. As payxões se desenfreadão com força, e rebeldia, e nas batalhas contra ellas se acha a alma debilitada, e a deixáo perplexa se consentio, ou resútio com valor; e como não tem satisfação da sua propria consciencia, anda triste consigo, e muitas vezes desabrida, e impaciente com os proximos; alguns dos quaes em vez de a consolar a perleguem, e suspeitáo que anda illusa; outros a pertendem consolar, e na mesma consolação a affligem mais, porque não he da terra que lhe póde vir o alivio.

308 Muitas vezes se vê quasi determinada a largar os santos exercicios, parecendo-lhe que nada faz nelles, que mais offende a Deos, do que o serve; que elle não aceita, nem ouve os seus gemidos, nem a quer levar pelo caminho da vida contemplativa. Outras vezes teme que não está bem confessada, e que tem algum peccado grave-occulto pelo qual Deos a tem desamparado, e esta he a causa de querer repetir confissões. Húa hora de oração lhe parece hum anno, quando em outro tempo lhe parecia hum instante. E ás vezes se vê tão angustiada, que sente impetos de se a maldiçoar, de blasfemar de Deos, e de se impacientar contra elle, parecendo-lhe que obra com mais rigor do que misericordia; e ás vezes se vê a pontos de desesperar. Em fim chega a imaginar, que tem completo o numero dos peccados, que está reprobada, e desamparada de Deos, pois em nada delle sente affecto pio, nem devoto.

309 Mas este Senhor, que muito ama aos que põe neste estado, com elles está na tribulaçãõ, aindaque imperceptivel, para os fortalecer, animar, e os não deixar cahir. E os quer assim attribulados, sêccos, e sem cuco na parte sensitiva, sem que percebãõ o proveito desta aridez, e escuridade, porque os quer tirar assim do estado de principiantes, em que como a meninos tenros na virtude os regalava, e tinha fervorosos, alegres, e consolados com a doçura, que lhe dava na meditação, e contemplação adquirida, para que engulosinados com isso se afeioassem mais, e mais á oração, e exercicios das virtudes, com o que se fortalecessem, e radicassem nelas.

310 Mas porque desta doçura, e prosperidade espiritual pelo damno do nosso natural se lhes occasionãõ muitos defeitos, e vicios por então de algũa forte dissimulados, os quaes Deos quer que agora deixem, e se aperfeiçoem, por isso se lhes esconde quando mais cuida delles, paraque defocupadas as potencias da demasiada attenção, e propriedade, com que se apegavaõ ao sensivel, as tenhaõ livres para o conhecimento da sua miseria, e
se

se vejam pobres, necessitados de todo o bem, e desamparados a seu parecer de quem antes os favorecia tanto, e por isso se humilhem, e desconfiem de si como devem. Por isso se retira Deus ao interior, e parte espiritual da creatura, e permite ás potencias, sentidos, e paixões que se rebellem contra a razão, e inclinem para o mal, com o que humilhados, e possuidos de temor santo começam a exercitar as virtudes sem a mistura viciosa, que até ali as deslustrava.

311 Nesta purgação, e também nas dos estados seguintes, succede muitas vezes que a creatura com a força da tribulação diga algumas palavras ainda ao mesmo confessor com modo, que parece soberbo, e impaciente, pelo que elle se vê concitado (permittindo-o Deus assim) a reprehende-la com aspereza, e desabrimento, julgando por falta de mortificação, e de humildade o tal excessão; e não he senão que a força da agonia lhe não dá lugar a fallar como quísera; em tal maneira que nem então adverte, nem depois lhe lembra o que disse, se o mesmo Director lho não lembra. Outras vezes se vê possuida de hum tal espirito de ira, que, como diz S. Thereza (*Vida c. 30.*) lhe parece se quer virar contra tudo, ainda sem causa; e se nestas occasiões lhe dão algũa, custa-lhe grande trabalho o vencer-se, e ás vezes se deixa vencer da impaciencia, a que a força da tribulação diminue muito o voluntario: o que deve notar o Director para discernir até onde chega a malicia, e advertencia; e se poder, (que muitas vezes não está mais na sua mão) use mais de brandura, que de aspereza, que não está então a creatura para se levar com rigor.

CAPITULO IV.

Dos instrumentos, com que se faz esta purgação passiva.

312 **C**omo Deus he o principal agente desta feliz purgação, póde usar dos meios, que julgar mais conformes á necessidade da creatura, que não são

fempre os mesmos , nem todos os ordinarios em todas ; mas huns em hũas , outros em outras , e em algũas todos ; a outras purga por modos extraordinarios , como se dirá no capitulo seguinte. O que he mais cõmum nesta purgação he , como dissemos , a subtracção da graça sensível por força do lume infuso da contemplação , com que Deos investe a alma , o qual lume , ainda que he remisso na sua intenção , porque se quer o Senhor accommodar com a debilidade do entendimento , que pouco affeito a perceber luzes sobrenaturaes , se cegaria se estas o investissem com toda a sua actividade , com tudo ainda assim remisso como he o deixa cego , e ás escuras , como a ave nocturna quando a obrigação a ver a luz do dia , que por muito clara lhe offende a vista , e a cega ; ou como o que olha de fito para o Sol , que por hum pouco fica em trevas.

313 As escuridades do entendimento se seguem as escuras , desfabrimentos , e sem fabor da vontade , pois assim como com aquella luz escura , ou escuridade luzida quer Deos melhorar de objecto ao entendimento espiritalizando seus actos , e elevando-os do sensível das formas , e imagens , em que athé ali mais se occupavão ; assim na vontade quer mudar os gostos , e suavidades do sentido para os do espirito ; e como ella estava satisfeita com aquelles , que lhe erão sensiveis , e os percebia junto com o sensitivo , quando agora Deos lhos quer mudar só para o espirital , como o sensitivo fica em jejum , secco , e vazio , da mesma forte se acha a vontade quando nelle vai procurar o guco , e fabor , que athé ali del-le participava ; mas ainda que por esta mudança , e novidade ao principio não percebe em si o fabor , e deleite espirital , que Deos sobrenaturalmente lhe vai communicando , e só percebe a secura , e sem fabor ; o espirito que então vai recebendo o delicado , e virtuoso sustento , se vai vigorando , e fortalecendo , e se faz mais sollicito para as cousas de Deos ; e se ao principio o não conhece , he porque havendo tido o paladar affeito aos gostos sensiveis , tem ainda os olhos nelles.

314 Este espirital, e virtuoso alimento he principio da sêcca, e escura contemplação infusa, a qual ainda que he occulta, e secreta para o mesmo que a tem, ordinariamente junto com a seccura, e vazio, que causa no sensitivo, dá á alma húa certa inclinação, e desejo de estar só, e em descanso, sem poder pensar cousa particular, nem ter vontade disso. E então se a quem isto succede se soubesse bem soslegar, descuidando-se de qualquer obra interior, e exterior, que pertenda fazer por propria industria, e discurso sem outro cuidado mais que deixar-se levar de Deos, receber, e ouvir com attenção amorosa, e interior; logo naquelle descuido, e ocio tanto sentiria delicadamente aquella refeição, e proveito interior; o que fera pelo contrario, se porfiar em querer arrimar-se a discursos, e cuidados propios; porque de tal forte põe Deos a alma neste estado, e por tão differente caminho a leva, que se ella quer obrar por sua industria, e habilidade mais estorva, do que ajuda a obra, que Deos nella vai fazendo; porque como já neste estado he elle o que obra na alma, parece que lhe ata as potencias interiores, e lhe não deixa arrimo no entendimento, nem guco na vontade, nem attenção na memoria.

315 Outras vezes faz Deos esta purgação, permittindo ao demonio que vexa a creatura com suggestões impuras, e tentações vehementissimas da concupiscencia, como succedeu a S. Paulo, a S. Jeronymo, a S. Catharina de Sena, e a outros muitos Santos, e escolhidos de Deos, o que he de grande trabalho áquellas almas, que querem ser puras, e amigas de Deos; e como cuidavão que já o espirito se tinha senhoreado desta payxão, quando agora a sentem tão viva, e pertinaz, se affligem em grande maneira, e andão em hum continuo susto, e escrupulo se terão, ou não consentido, ou de que poderão consentir. Outras vezes permite Deos ao demonio que atormente as creaturas com horrendas, e torpissimas visões, sustos, perseguições, vexações; e ás vezes até chegar a feri-las, arrastá-las, fazer-lhes máos tratamentos de forte, que lhes parece as despedaça, e lhes desconjunta os ossos;

ossos; o que ordinariamente mais he por imaginação, do que na realidade, ainda que ellas affirmem que o sentirão realmente; e de tudo triunfarão se tiverem fé, e estiverem certas, que o demonio está ligado com cadeas, e que nada nos póde empecer senão quanto Deos lhe der licença, ou a creatura lhe der entrada, a qual quanto mais medo tem ao demonio mais forças lhe dá, e quanto menos o teme mais o enfraquece.

316 Advirto aqui ao Director, que aindaque he certo que muitas almas nesta purgação do sentido, e ainda na do espirito, e muitas vezes fóra dellas são perseguidas com vexações do demonio, não seja elle facil em as capitular por taes sem bem maduro exame; porque as mais dellas, principalmente em mulheres, ainda que pareçam taes não o são. Para o que he de advertir que vexação he o mesmo que perseguição; e a que he do demonio segundo a permissão de Deos he de dous modos. Húa chama-se possessão, e he quando Deos permite a hum, ou mais demonios que entrem no corpo da creatura, e lho atormentem segundo a permissão, e fim do mesmo Deos; e estes he que se chamão propriamente energúmenos, ou possessos, de que muitos Authores duvidão se os tem havido na Igreja depois que Jesus Christo triunfou do inferno, e ligou o demonio com cadéas; mas se os há, são bem raros.

317 A outra, que se chama obsessão, he a perseguição, que fazem os demonios ás creaturas em sua presença externa com medos, feias visões, horriveis figuras, estrondos, e ás vezes ferindo-as, maltratando-as, desordenando-lhes os humores, invertendo-lhes os sentidos, e tambem suggerindo-lhes imaginações vehementes, e tentações perigosas, segundo a licença de Deos, sem a qual nada nos póde empecer; e desta forte foi vexado o S. Job, e são vexados todos os Christãos; porque aquelle cruel adversario a todos nos cerca como leão rugindo, buscando em quem fazer presa, e he certo que nenhum de nós está nunca sem hum, ou muitos espiritos tentadores junto de si, e só está a differença em que huns são
mais

mais vexados (que he o mesmo que perseguidos) do que outros ; e são aquelles , que o demonio atormenta , e persegue externa , e sensivelmente pelo modo dito , permitindo-o Deos assim para alguns fins , que elle intenta.

318 Destes tambem são menos , e muito menos do que se cuida ; principalmente em mulheres , em quem podem proceder de hum de tres principios , ou de todos juntos effeitos tão extraordinarios , que parecerão na realidade vexação , sem tal ser. O primeiro he se ellas são de imaginação muito viva , e efficaz , e juntamente propensas para o irascivel , como he nellas ordinario ; porque a apprehensão da injuria , ou motivo , que tiverão para se irar , (ainda querendo ellas vencer-se , e talvez então muito mais) lhe exalta de tal modo o humor bilioso , e lhes faz ebullir o sangue com hũa effervescencia tal , que fazendo-o circular com velocidade , e impeto excessivo pelas arterias , e vêas ocorre em tanta copia , e tão ardente ao coração , que por hũa parte opprimindo-o com a nimia abundancia , e por outra affligindo-o com o demasiado calor , o põe em angustias , e desassoslegos , e concorrendo mais a falta , que fazem os espiritos animaes nas partes remotas , as quaes desamparão por acudir tambem á roda do coração , segue-se muitas vezes ficarem estas sem movimento , e a creatura cahir em deliquios naturaes , ficar extatica , immovel , insensivel , e destituida de todos , ou de alguns dos sentidos , ou da falla ; e outras vezes com a violencia da angustia romper em gestos , movimentos , vozes , gritos , tudo fóra do natural.

319 O segundo principio he a melancolia , que como he humor terreo , e pesado , que predomina na massa do sangue , quando he excessivo (principalmente se he junto com a viva imaginação de que são enfermos os melancolicos) difficulta a circulação , obstrue os vasos sanguinarios , ocorre pesado á roda do coração , carrega-o , e opprime-o com o seu pêso , e qualidade terrestre , retarda-lhe o systole , e diastole , e o faz angustiar de tal sorte , que produz os mesmos , ou semelhantes effeitos aos pri-

primeiros. Maiores os produz nas mulheres o terceiro principio, quaes são os flatos, ou insultos histericos; que ás vezes as fazem romper em delirios, e fazer tão extraordinarias acções, gestos, e movimentos, que parece só estando possuidas de húa legião de demonios poderião fazer taes desatinos; e a verdade he que pouco, ou nada o demonio nisso he culpado.

320 Digo, *pouco*, porque não duvido que elle muitas vezes ajude; principalmente a exaltar, e cômover a causa natural donde procedem essas affecções histericas; porque he certo que elle sabe, e póde inverter os nossos humores, exalta-los, e incita-los a movimentos proprios das paixões; e este he o modo, com que tenta á satisfação dos appetites, commovendo-os, e exaltando-lhes a concupiscencia. Pois se na creatura se ajuntarem todas estas cinco cousas, colera, melancolia, imaginação, flatos, e demonio, ou algúas dellas, grande trabalho ha de ter quem a soffrer; e muito lhe custará a não se capacitar que he vexação. Mas o certo he que muitas mulheres são vexadas, porque empreehenderão que o são, ou porque algum confessor, ou exorcista por ver nellas alguns dos ditos effeitos, as persuadirão (faltos de experiencia) a que o erão, sem tal serem. Eu tenho curado muitas deste mal só com as fazer capacitar que tal não he.

321 Mas como póde ser que seja tudo em algúas, quando o Director duvidar, lhe ponha preceitos com fé, que estes desfarão o que fizer o demonio, e para o que for queixa natural ha tambem remedios naturaes, e muitas vezes mais do que estes remedeão, e curão algúas palavras, com que o Director as console, anime, e fortaleça; porque estas lhe farão dilatar o coração, e o aliviarão do péso da tristeza. Mas nunca se demore muito em exorcismos, nem lhos faça com força, e efficacia externa, porque esta em vez de as melhorar da vexação, as afflige, e perturba a imaginação, e o interior, e daqui procedem os effeitos extraordinarios, que muitas vezes se seguem, que parecem verdadeiramente demoniacos, e não são senão naturaes; porque com a força do exorcismo, que

que como dizemos as afflige, e perturba, se exalta mais o achaque, ou humor, de que procede, e daqui vem os excessos extraordinarios, que se experimentão. Advirto aqui tambem, que qualquer das tres cousas, ou principios, que dissemos, que são viva imaginação com vehemente irascivel, melancolia, e affecção histerica, são bastantes para hebetar o entendimento, e offuscar a razão ás creaturas, donde se segue ás vezes dizer palavras, e romper em desatinos, que serião grandes peccados, se estivessem na sua liberdade; mas naquelle estado o não são, porque obrão, e fallão sem ella. (Fallo de quando a causa he vehemente.) E então se devem julgar como se fossem motos primo primos.

322 Outro instrumento, e não o menos agudo, são as creaturas, que muitas vezes se armão contra a pobre alma com perseguições, ditos, murmurações, falsos testemunhos; e ás vezes as mesmas, que lhe deseão alivio, lhe dão pena no que a querião aliviar; pois vendo-a triste, e desconfolada, julgão que he queixa natural, e procurão que se divirta, e trate com as creaturas, e se ocupe em ministerios, e passatempos alegres; mas como não está aqui o remedio do seu mal, nem em nada disto acha o que lhe falta, e o que busca, e por cuja falta anda afflita, tudo em vêz de a aliviar lhe faz mais crescendo o tormento, e só na paciencia, humildade, mansidão, e conformidade com a vontade de Deos, he que acha refrigerio a sua dor. Ainda o mesmo Director, que era o unico alivio, que lhe restava, muitas vezes, permittindo-o Deos assim, se lhe mostra desabrido, áspero, e enfadado, e lhe dá palavras, que a ferem, e fazem vacillar em tristes imaginações; outras vezes a não quer ouvir nas suas afflicções, e algũas vezes quer Deos que elle lhe falte, ou por morte, ou por ausencia, ou por não querer dirigi-la, e aqui chegaria a alma a desfalecer de todo, se Deos, que com hũa mão fere, e com outra fãra, a não fortalecêra, e consolára, ainda que por hora occultamente.

323 A algũas permite Deos a perda dos bens da

fortuna, como riquezas, filhos, pays, parentes, honras, e dignidades, como succedeu a Job, a Abraham, e Jacob. A outros tira a laude, e as forças, e lhes dá graves molestias, e trabalhos, como a Job, e a Tobias, e a muitos Santos, que viverão annos, e annos paraliticos, e assim forão Santos. E finalmente com toda a casta de trabalhos, afflicções, e contradicções da vontade costuma Deos acrisolar estas almas, das quaes, aindaque sabemos que tudo Deos lhes coopera em bem, devemos ter compayxão por ver que estão tocadas da mão de Deos, como se queixava o Santo Job, e que hũas almas tão queridas de Deos, se veção tão cercadas de angustias, e penas, que se pódem comparar com as do Inferno, ou mais propriamente com as do Purgatorio, pois o he como dissemos esta purgação, no qual se purificação para entrar no primeiro Ceo, ou primeira gloria da vida do espirito, que he a illuminação passiva em que succedem as vistas dos Esposos, e se fazem os ajustes para os desposorios, como dissemos: por isso quanto maior favor quizer Deos communicar á creatura, tanto mais forte, terrivel, trabalhosa, e dilatada ha de ser a purgação, que o ha de preceder como disposição.

324 Mas por isso que os trabalhos, e afflicções são tão excessivos he grande o perigo de que estes principiantes na via illuminativa vendo-se em tal desamparo, e julgando tudo perdido, e que tudo fazem sem fructo, e tambem defanimados para padecer tanto, se deixem da vida do espirito, e retrocedão no caminho da virtude, que tão aspero, escabroso, e cheio de perigos, espinhos, e abrolhos se lhes representa: por isso he necessario que o Director aqui se encha de caridade, prudencia, e compayxão, e que nesta batalha, penas, e trabalhos os anime, console, alente, e fortaleça, levando parte do peso da sua Cruz, e indo diante no aspero caminho para lhes facilitar os passos. Faça-lhes conhecer o fim para que Deos ordena este martyrio, e a felicidade, e bonança, que depois desta tormenta se lhes segue, se nella se conservarem firmes, animosos pacientes, e conformes com a vontade

tade de Deos, confiando muito na sua misericordia, e estando certos de que elle mesmo he o que os fere para os farar, os abate para os exaltar, e os leva a esse inferno ditoso, para os extrahir d'elle para hũa gloria na terra.

325 Aconselhe-lhes que quando se virem áridos, escuros, e privados da graça sensível, e que não podem meditar como d'antes não se fatiguem, nem cansem em procurar a meditação, porque perderão o tempo, e irão contra a vontade de Deos, que então quer a alma em descanso, e não em discursos; por isso deve descansar naquella sagrado Ócio, e tranquillidade pacífica da noticia geral, e confusa, que tem de Deos, e no amor affectivo, que he o fim do discurso, e acto da contemplação. Mas se fazendo experiencia, vir que póde meditar, e discorrer, deixe-se estar no discurso tambem affectivo até que Deos a chame a outra parte. Advirta-lhes que por mais que se vejam defabridos, seccos, e escuros não deixem por modo nenhum os exercicios, e a oração; ainda que julguem que nada fazem; porque quando não fação outra cousa, muito fazem na obediencia, mortificação, e paciencia de estar ali pelo amor de Deos contra o que lhes pedia a vontade, e natureza; e se fazem, ou não algũa cousa, elles o experimentarão; que se deixarem por alguns dias esses exercicios, e oração assim árida, exangue, e inútil, como lhes parece, logo se verão a cometidos de hum desenfreado tropel de tentações, que investem aos que vem desarmados, o que não fazião em quanto os vião com esses taes, ou quaes exercicios, e oração.

326 Vão pois para o lugar da oração; estejam ali o tempo destinado; fação as diligencias, que temos dito; e se nada poderem fazer, nem cuidar, estejam ali pela obediencia, e pelo amor de Deos, que só quer que ali estejam assim, e não quer que fação mais nada; que se estiverem ali por seu amor, já nisto o amão, e já fazem muito. Tenhão fortaleza, constancia, longanimidade, e perseverança até o fim; que elles serão salvos. Esperem ali o que o Senhor quizer d'elles, guardem aquelle lugar pela obediencia, e pelo amor de Deos, e vejam se

pódem fazer algúas jaculatorias com o coração, ou com a boca, ainda que não seja mais que húa repetida muitas vezes, que para isso nos deu exemplo Jesus Christo na oração da maior amargura, tristeza, e desamparo, e vemos que tres vezes repetio o mesmo ao Pay; que se era possivel apartasse d'elle o caliz da Payxão, senão que se fizesse a sua vontade: *Oravit tertio eundem sermonem dicens.* E se as almas nestes trabalhos troufferem á vista este divino exemplar de paciencia, cheio de tristezas, amarguras, penas, trabalhos, despresos, e athé desamparos da Divindade, logo se lhes faráõ suaves os trabalhos, e por esta cruz, e pelo seu caminho conseguiráõ a gloria da illuminação, a que as destinão.

327 Mas algúas almas cuidão erradamente que então fazem melhor oração quando sentem mais consolação, e fervor; e não advètem que nos gostos, e consolações as está Deos servindo a ellas; e pelo contrario nas seccuras, e trabalhos com paciencia estão ellas servindo a Deos, e fazendo a sua divina vontade; e que o merecimento está no que o servem a elle, e não no que elle as serve; antes isto he favor, que recebem, e dívida, em que ficão; e que se desejàõ as consolações, desejàõ mais o seu gosto, e vontade feita do que a de Deos, porque desejàõ regalar-se, não servir. Mais serve ao Rey o vassallo, que anda na campanha ausente d'elle, ou o que lhe está fazendo fala todo o dia, ainda que o não veja, nem elle lhe falle, do que aquelle, que come com elle á mesa; porque este recebe, e aquelle merece; isto he favor que deixa o vassallo obrigado, e aquillo he serviço que deixa obrigado o Rey. Va pois a creatura para a oração, esteja-lhe ali fazendo fala ainda que lhe custe, e ainda que não veja a Deos, nem elle lhe falle, que elle se dá por obrigado deste serviço, mais que do das que gostão a suavidade, e consolação do espirito; e a seu tempo elle lhe dará o premio mais crescido.

CAPITULO V.

De outros modos de purgação, com que Deos exercita algumas almas.

328 **A**lgũas almas vivem em desconfortação, porque sendo summamente anciosas da virtude, amigas de Deos, zelosas da sua honra, depois de muitos annos de vida de espirito não tem sentido em si aquella aridez, secura, e escuridade purgativa, com que Deos dispoem as almas para a contemplação infusa, e por isso se persuadem que não vão caminho direito, e que Deos as não tem por amigas, pois as não leva pelo caminho dos perfectos; mas não advertem que esta mesma tribulação, e temor he hum desconto bem parecido com essa aridez, e escuridade, e não menos efficaz no seu effeito; e devem advertir que o sobredito modo de purgação he pela maior parte só para as almas, que Deos leva mais principalmente pela vida contemplativa, e que quer sublimar a elevados grãos de oração, e favores sobrenaturaes; nas quaes ordinariamente não deixa de ser instrumento purgativo a subtracção da graça sensível, com securas, e escuridades junto com algum, ou alguns dos mais que no precedente capitulo se referem.

329 Mas a outras almas, (e algũas perfectissimas) que Deos leva pelos exercicios da vida mista, purga o Senhor por outros meios; as quaes, aindaque nunca tenham, nem hajão de ter contemplação mui subida, nem graças, e favores sobrenaturaes, podem ser, e são muitas vezes mais perfectas do que as sobreditas, porque fundão a sua perfeição no essencial da virtude, que he em obras de caridade, e serviço de Deos; em exercicios de paciencia; em humildade, e mansidão; em amor aos despresos; paz do coração; e na prática das mais virtudes; e principalmente em padecer grandes trabalhos, fadigas, e perseguições pelo Senhor, pelo seu serviço, e por zelar a sua gloria, honra, e louvor. Taes são os Pontifices, Bispos, Reys,

Reys, Prelados das Religiões, e pessoas de cargos laboriosos dirigidos á gloria de Deos, bem da Igreja, e reforma dos costumes, como Ministros de Justiça, e Varões Apostolicos, que com verdadeiro zêlo se occupão na conversão dos peccadores, e instrucção das almas, ou seja prégando, ou ensinando, ou confessando, ou dirigindo, ou escrevendo livros &c.

330 A estas almas, se são de timorata consciencia, e vida reformada; se o tempo, que lhes resta das occupações, se exercitão na oração, e exercicios devotos, e tem desejo da virtude, e de amar a Deos, e cuidado em o não offender, e todos os seus ministerios exercitão com recto fim, e bom espirito; a estas servem de purgação as mesmas fadigas, cuidados, e trabalhos espirituaes, sem que tenham ordinariamente as seccuras, escuridades, e angustias internas, que padecem as que Deos chama á contemplação laborosa, e pacifica; porque Deos verdadeiramente piedoso, verdadeiramente benigno, aindaque quer que todos os seus servos trabalhem, e padeção, reparte os trabalhos a cada hum conforme as suas posses, e ministerios, e segundo os meios proporcionados aos fins, que elle se propos; e não quer faltar com a refeição aos seus obreiros, nem affligi-los de mais com outras fadigas; quando affás são já bem laboriosas as que sofrem.

331 Mas aindaque não sofrão as seccuras, e escuridades internas, bem descontadas lhes ficao não só nos trabalhos dos seus respectivos ministerios, mas tambem em outros, que delles são consequencias infalliveis, como são murmurações, falsos testemunhos, injurias, perseguições, e outras deste caracter, que chovem como settas sobre quem se faz alvo do público, e de que se não izentou o mesmo Christo, nem os maiores Santos; e que nem guardão respeito ao sagrado das tiaras, dos baculos, dos sceptros, das varas, dos claustros, dos habitos, das tonsuras. Este foi o pão quotidiano dos Apostolos, dos Jeronymos, dos Agostinhos, dos Athanasios, dos Christostomos, dos Ignacios, dos Xavieres, e de outra immensidade de espiritos gigantes, que forão ancoras da fé, e columnas firmes da Igreja,

332 A alguns pregadores, ou Directores, ou outros ministros Evangelicos permite Deos, que com a força do espirito, ou efficacia do zêlo caião em algũa imprudencia, e indiscrição inculpavel; e que com boa intenção preguem, ou aconselhem algũas cousas, de que algũas pessoas grandes se dem por offendidas; ou profirão inadvertidamente algũa proposição mal soante; ou cometão algum delicto sem malicia, nem conhecimento, donde se lhes siga serem murmurados, perseguidos, e ás vezes presos, e castigados em publico, ou em secreto, depostos dos seus cargos, privados dos seus ministerios, e ainda obrando os superiores rectamente, porque a justiça só julga dos exteriores, e eis aqui húa cruz tão pesada, que talvez muitos contemplativos não quererião trocar por ella a das escuridades, seccuras, e angustias do espirito, de que tanto se queixão por grandes.

333 Outros varões zelosos, e abraçados no amor de Deos, e caridade são tidos por imprudentes sem o serem, e atacados com murmurações, perseguições, falsos testemunhos, por aquelles, cujos costumes reprehendem, ou querem reformar, de cujos exemplos estão cheias as Historias sagradas. S. Athanasio foi arguido em juizo de hum stupro. De S. Jeronymo differão, que tinha commercio lascivo com S. Paula. A S. Bernardo levantárão que apostatou da Religião Catholica. A S. Felippe Neri chamarão na cara hypocrita, e ambicioso. S. Ignacio foi accusado ao S. Officio, chamado, e examinado por elle. O Veneravel Ávilla foi preso pelo mesmo S. Officio por falsas accusações. S. Theresa foi perseguida, murmurada, presa, encarcerada, accusada á Inquisição por promover a sagrada Reforma Carmelitana. S. João da Cruz pelo mesmo foi perseguido fortemente, encarcerado em rigorosa prisão, castigado com jejuns a pão, e agua, disciplinas, e outras rigorosas penitencias. O illustre varão de Deos Jeronymo Graciano columna fortissima da mesma santa Reforma, por isso foi preso, despojado do habito della, obrigado a andar inuito tempo vestido de Clerigo secular, e por isso mesmo foi cativo de Mouros.

334 Quando alguns bons são oppostos a outros, e os arguem por mal informados, e com boa intenção, como arguiu S. Epifanio a S. João Chrysostomo, S. Agostinho a S. Jeronymo &c. he esta Cruz pesadissima, porque como a santidade do perseguidor dá authoridade ao que diz, fica a innocencia do perseguido com pouco lugar para a defesa: mas esperem estes hum pouco, e esperem todos os perseguidos, e murmurados, que se poserem a sua confiança em Deos, elle acudirá pela sua causa; e quando a verdade desterrar as trevas da mentira, sahirá triunfante a innocencia, e tanto mais airosa, e exaltada, quanto antes foi mais abatida, e desprezada; e quando em vida não vejam os Justos o triunfo da sua innocencia, alegrem-se, que he para ser mais crescido o da sua gloria; e depois o mundo recompensará com venerações a sua feliz memoria, os desprezos, com que os atacou em vida.

335 Todos estes espiritos alentados, e todos os mais soffredores de trabalhos, zeladores da Gloria de Deos, do bem da Igreja, e dos proximos, ainda que não tenham vida tão austera, e retirada; ainda que não tenham tantas horas de oração, nem fação tantas rezas, devoções, penitencias, jejuns, vigílias como os contemplativos solitarios, que vivem para si só; ainda que se lhes pegue algum pó de defeitos com o continuo trato, que tem com os peccadores para os reduzir, e encaminhar; ainda que não tenham as paixões tão mortificadas; com tudo as muitas, e mui pesadas cruces que sofrem, de fadigas, cansaços, oprobrios, testemunhos, e outras afflicções do corpo, e alma, que tolerão, os purgão, e purificação de tal forte; os dispõem tanto para a união com o Creador, e os elevão a hum tão alto gráo de perfeição, que ou sem contemplação tão alta, e recolhida, chegão ao osculo, e abraço do Senhor, ou este mesmo lhes dá a contemplação, que concede aos retirados, sem os desamparos, e seccuras, que elles tem; porque bem substituidas ficão com as penalidades que sofrerão.

336 A todos estes deve o Director animar, e fortalecer

lecer (e tambem a si mesmo , porque tambem he deste numero) quando se virem attribulados , perseguidos , injuriados , murmurados , e afflictos ; alegrando-se , porque nelles se ve reproduzida a imagem de Jesus Christo , de quem são capitães esforçados , cujas pisadas seguem , e cujo premio podem esperar não só na eternidade , aonde he completo , e indefectivel , mas ainda neste mundo , aonde o Senhor , que he fiel aos seus servos , está com elles na tribulação , para os tirar della , e os glorificar. Se se capacitarem , como he certissimo , que os trabalhos , os despresos , as injurias são o distinctivo dos servos do Senhor , e o caracter por onde elle os conhece , e tanto mais , quanto elles forem maiores ; não só sofrerão tudo com gosto , animo , e alegria , mas tambem terão húa anxiosa laudade , e húa santa ambição por mais , e mais padecer , e ser despresados. Que gloria esta para quem lhe conhece o proveito !

337 He certo que a quem Deos mais ama mais trabalhos lhe dá que padecer ; por isso os deu maiores a seu Filho porque o amou mais ; e daqui se conhece qual he a sua vontade , que he que os seus padeção por seu amor. Estes são os seus dons neste mundo , em que mais nos mostra o seu amor , e por isso os dá conforme ao amor que nos tem ; aos que muito ama lhes dá mais , e aos que menos ama menos lhes dá que sofrer ; e tambem os dá conforme ao animo , e amor , que em nós conhece ; Quem o amar muito verá que pôde padecer muito por elle , e quem o amar pouco , pouco lhe dará que padecer. A medida para poder levar grande cruz , ou pequena he a do amor.

CAPITULO VI.

Dos proveitos que causa esta purgação.

338 **J**esus Christo , que veio ao mundo ensinar a virtude , e perfeição , e que primeiro andou o seu caminho para ir diante , e nos animar a segui-lo , ve-

mos que escolheu, e andou o dos trabalhos: as fadigas, os suores, os despresos, as injurias, os falsos testemunhos, as amarguras, os desamparos, os tormentos, a cruz; eis aqui o que fórma no Salvador a imagem da perfeição, e o fundo do merecimento; eis aqui o que elle mesmo diz que lhe foi necessario padecer para entrar na posse da sua gloria: *Oportuit pati Christum, & ita intrare in Gloriam suam.* (Luc. 24.) Eis aqui o partido, que elle nos comette, a condição que elle nos impõe para transformarmos em nós a sua imagem, e nos fazermos imitadores da sua vida, discipulos da sua Doutrina, confortes da sua Gloria. *Siquis vult post me venire, abneget semetipsum, & tollat crucem suam, & sequatur me.* (Math. 16.) *Qui non bajulat crucem suam, & venit post me, non potest meus esse discipulus.* (Luc. 14.) Este pois he o primeiro proveito, que causão na alma os trabalhos desta purgação; elles são a cruz, que o Senhor nos manda levar, ella nos faz dignos delle, seus discipulos, suas imagens, seus imitadores, e nos habilita para a sua, e nossa gloria.

339 O segundo proveito he purificar a alma de muitas maculas, e imperfeições, que em si tem, e não conhece, principalmente das que no seguinte capitulo se dirão: pois assim como o ouro se prova, e purifica no fogo, donde sae luzido, e sem fezes; o diamante só se faz estimavel á força de golpes do buril; o madeiro informe he desbastado, e ferido a muitos golpes para se fazer imagem perfeita; assim esta laboriosa purgação he fogo que prova, alimpa, e purifica das imperfeições aos escolhidos do Senhor: *Tamquam aurum in fornace probavit electos Dominus.* (Sap. 3.) He buril que os faz estimaveis, e dignos do mesmo Senhor: *Et invenit illos dignos se.* He instrumento que corta no sensitivo tudo o superfluo, tudo o que he tosco, e grosseiro, que deformava na alma a imagem do mesmo Deos, e a transforma na mesma imagem de claridade em claridade. (Corint. 3.)

340 O terceiro he que por esta purgação tira Deos a creatura do estado de principiantes para o de proficientes;

tes ; e tendo-a athé ali trazido em seus braços , sustentando-a como a pequena com o suave leite , e doce alimento de meninos , quaes erão as consolações sensiveis ; agora já não quer que ande , nem falle como parvula , mas que já ande , e obre como varão forte , e crecido , por isso a aparta daquelle sustento delicado , e lhe dá a comer o pão dos fortes , que aindaque não he tão suave , e gostoso , he mais proveitoso , e substancial ; o que se deve ter em grande dita , e por ella se lhe devem dar mil parabens ; pois , como diz S. João da Cruz , (*Noite L. 1. c. 12.*) assim como Abraham fez grande festa quando apartou do leite a seu filho Isac , assim se gozão no Ceo de que já Deos tire a alma das faxas , a desça de seus braços , e a faça andar por seu pé , tirando-a do peito , do leite , e do brando , e doce manjar de meninos , e a faça comer pão de fortes , e robustos , o qual nestas seccuras , e trevas do sentido se começa a dar ao espirito vazio , e sêcco dos çucos do sentido , que he a contemplação infusa , que fica dita.

341 O quarto he o conhecimento que a creatura vai tendo de si , e de sua miseria , o que bem não conhecia no tempo das prosperidades , e consolações ; porque o gosto que nellas sentia , lhe arrastava para si as potencias com apêgo , e as não deixava attender como devião á sua propria baixeza ; antes a fazião andar contente , e satisfeita de si , parecendo-lhe que algúa cousa servia a Deos , porque achava nelle muito gosto , consolação , e arrimo ; o que agora he pelo contrario , porque como lhe faltão aquelles gostos sensiveis , em nada vive satisfeita de si , em tudo desconfia que desacerta , e se desconfola , porque em nada agrada a Deos , e pelo muito que lhe deseja agradar de boa vontade deixaria os gostos primeiros , e ainda outros maiores , e sofreria maiores desconfolações , e amarguras , com tanto , que tivesse certeza que nullo agradava a Deos , e o servia , e que elle se não desagradava della.

342 O quinto he que não só alcança a creatura o conhecimento de si , mas tambem vai formando maior con-

ceito da grandeza , e excellencia de Deos , e o entra a tratar com mais respeito , e attenção do que athé ali ; porque com a sua agradavel cõmunicação tinha tomado mais confiança , e attrevimento do que devia : mas agora que apagados os appetites , gostos , e arrimos sensiveis fica livre o entendimento para conhecer a verdade , o vai Deos illustrando com a sua divina sabedoria sobrenaturalmente por meio desta noite escura , e secca contemplação. O que mui bem dá a conhecer Isaias dizendo : *A quem ensinará Deos a sciencia , e a quem fará ouvir sua palavra ? Aos apartados do leite , e aos desfarrimados dos peitos.* (*Isai. 28.*) No qual se dá a entender que para esta divina influencia não he tanto disposição o leite primeiro da suavidade espiritual , nem o arrimo do peito dos saborosos discursos das potencias sensitivas , de que gostava a alma , quanto o carecer de hum , e do arrimo do outro. Outros muitos proveitos causa na alma esta purgação , como he a pratica das virtudes da humildade , paciencia , conformidade , fortaleza , longanimidade , e todas as mais assim Theologaes , como Cardeaes , e Moraes , e outros.

CAPITULO VII.

Dos vicios que se purgão nesta purgação passiva:

343 **C**OMO a perfeição dos principiantes na virtude não tem bem vencido o desordenado do humano natural viciado pela culpa , e ainda da mesma virtude , que exercitão , penitencias , que fazem , oração , que praticão , e favores , que Deos lhes concede , já dando-lhes muito , e conhecido fervor , já grande gosto nos exercicios santos , deleite grande na meditação , e contemplação adquirida , e talvez experimentando algúas visões , extasis , revelações , ou algum outro favor divino , costumão resultar-lhes muitos defeitos ao espirito , os quaes todos se podem incluir nos vicios capitaes espiritualmente tomados , dos quaes todos Deos aqui quer purificar a alma , delles por sua ordem faremos aqui hum breve resumo.

344 E primeiro em quanto á soberba espiritualmente tomada costumão os principiantes ter hũa occulta satisfação de si mesmos, parecendo-lhes que já são algũa cousa diante de Deos. Vem-lhes desejo grande de fallar de espirito diante de outros, e mais para ensinar, do que para aprender. Condemnãõ interiormente aos que não vem tão devotos, e fervorosos como elles se julgão a si. Gozão-se, e satisfazem-se de parecer devotos, e espirituaes; e gostão que os louvem de taes; e se apartão, e desgostão dos Confessores, e Directores, que não approvão o seu espirito, e modo de proceder; e buscão outro, que se conforme com o seu gosto, e parecer. As suas faltas as tem por pequenas, e as desculpão; e outras vezes se entristecem com perturbação, e algũa impaciencia por cahirem em alguns defeitos, parecendo-lhes que he muito de admirar que ainda caia nelles quem já está tão adiantado na virtude, como elles se suppoem. E ainda succede que o demonio procura augmentar-lhes a devoção, e fervor sensível, para que cresção mais na soberba, e vaidade.

345 Na avareza também caem espiritualmente alguns; porque apenas os verão contentes, e conformes com o espirito, que Deos lhes dá; e andão tristes, e queixosos porque não achão a consolação, e gosto, que querião na oração, e exercicios espirituaes. Não se fartão de ler livros, e de ouvir conselhos, e preceitos espirituaes; e por isso gostão de estar muito com os seus Directores, gastando mais tempo nisto do que he necessario, e buscando mais o proprio alivio, e satisfação do seu desejo do que a mortificação, e pobreza do espirito. Procurão ajuntar muitas reliquias, cruces, e imagens devotas; já deixão hũas, e tomão outras, no que se manifesta o muito apêgo do coração, que he o que se condemna, e não a devoção aos santos, e sagradas imagens.

346 Na luxuria espiritualmente entendida costumão os principiantes ter algũas impurezas: porque como nos exercicios espirituaes se achão com tanto gosto, e alegria, ainda que principalmente estes affectos se achão no espirito,

rito, como não está bem aperfeiçoado o fugeito, e a porção sensitiva está no mesmo supposto junta com o espirito, succede que tendo a creatura gozo, e deleite neste, o experimente tambem no sensitivo, com o que se levantão na sensualidade feios movimentos, e gostos sensuaes; e por não estar o appetite bem refreado tem muito perigo nestas occasiões de cahir em algũa deleitação culpavel. E por esta causa padecem os principiantes as mesmas impurezas, ou affectos menos puros no trato com algũas pessoas espirituas, a quem communicão, e com seu trato se lhes originão tentações, e muitas vezes se retardão na perfeição.

347 Na ira cahem tambem espiritualmente; porque quando se lhes acaba o gosto, fabor, e consolação espiritual, que tinham na oração, ou porque os chamão a outras occupaões precisas, ou porque se distrahem, se irão consigo mesmos, ou com quem lhes impedio o gozto, que gozavão; como quando hum menino está docemente gozando do peito de sua mãy, e o apartão, que se sente, chora, e mostra tristeza. E ainda que este desgosto he natural, com tudo he imperfeição não se conformar quando convem: e ainda em alguns passa a tanto, que andão defabridos, e se impacientão facilmente, com as pessoas, com quem tratão, e tambem não pouco consigo mesmos; especialmente quando vão á oração, e não achão aquelles gostos, e consolações, que quizerão, e que ião buscar; porque como realmente mais ião ali por amor de si, do que de Deos, ainda que elles julgão outra cousa, como não se achão a si mesmos, isto he, não achão o seu gosto, se defabrem; sem advertir que Deos assim o dispoem para seu bem. Outras vezes se se achão fervorosos na oração, e prática das virtudes, vendo que outros não se dão tanto aos seus exercicios, se revestem de hum imprudente zelo, e sem lhes pertencer, nem ser da sua conta os reprehendem em presenca, e os murmurão em ausencia com defabrimento, e desagrado.

348 Na Gula tambem caem espiritualmente; porque muitos destes engolofinados com o fabor, e gosto espiritual,

ritual, que achão nos taes exercicios, procurão mais este fabor, do que a vontade de Deos, a pureza da sua alma, e a devoção verdadeira, que he a promptidão de servir ao mesmo Senhor, e o de que elle gosta, e aproveita á alma. Elevados deste gosto, e pelo conseguir mais, e mais, se arrojão muitas vezes indiscretamente, e sem conselho do Director a grandes penitencias; e quizerao matar-se com mortificações, e jejuns; e ainda, o que he mais, procurão faze-lo escondido d'elle, e sem que o saiba o mesmo Director, julgando que se lho dizem, lhes irá á mão; e parecendo-lhes que acertão melhor fazendo aquillo assim, do que elle prohibindo-lho: com o que se fazem almas sem fugeição, sem prudencia, e sem conselho, attendendo só ao seu gosto, e vontade, sem advertir que diz Deos pelo seu Profeta: *Melhor he obediencia, que o sacrificio.* (1. Reg. II.) E daqui lhes nasce que ainda quando o queirão fazer com licença, tem tantas porfias com o Director, que não parão até lhe não tirar por força a licença para o que intentão; não foflegando até que lhes não conceda o que querem; e em lugar de obedecerem, querem ser obedecidos; trastornando com isto a ordem, que Deos tem posto na Igreja.

349 Tambem cahem espiritalmente no vicio da inveja; porque costumão ter pefar de que outros lhe levem vantagem, e sirvão mais a Deos, e sejam tidos por santos, e por melhores do que elles; e sentem que fallem bem delles; e quizerão que de si se dissesse o mesmo, e ainda ser em tudo preferidos aos outros. E a tanto chega em alguns que ouvindo que louvão aos outros, dizem algúas faltas delles, com que os desdourem, e deslustrem do conceito que delles se tem. Tambem a respeito do trato com os Directores costumão ter muitas invejas, sentindo-se defabridamente se vem, ou presumem que gastão mais tempo com outros, ou lhe dão o primeiro lugar, ou lhes fallão com mais agrado, ou os tratão com algúa distincção, e ás vezes passão a ter por isto aborrecimentos, e ainda discordias com aquelles, que julgão mais attendidos, e até queixar-se por isto aos Directores: no
que

que elles mais que em nada devem ser Juizes severos; castigando-os com a maior aspereza, e athé despedindo-os, senão se emendarem, por arrancar de raiz esta peste, que enche de infecção o lugar santo. Mas attendão sempre á fragilidade humana para lhes desculparem, e emendarem este defeito primeiro com advertencias; pois não he muito, que entre os discipulos de hum homem haja estas invejas, quando entre os de Christo as ouve, e com alteração grande, a qual delles era o maior, e mais estimado de seu Mestre: *Facta est contentio inter eos, quis eorum videretur esse maior.* (Luc. 22.) E por isso mesmo os filhos de Zebedeu pedirão os primeiros lugares a Christo.

350 Na perguiza tambem tem imperfeições; porque quando nos exercicios espirituaes, que por obediencia hão de fazer, não achão o gosto que quizerão, ou costumão ter em outros, em que desejavão occupar-se, lhes tem tédio, e fogem delles. E he a razão, porque sem o entenderem mais se vão a buscar a si mesmos, e ao seu gosto na oração, e santos exercicios, do que a Deos, e por isso imaginão que não he vontade de Deos aquillo, em que não achão o gosto, e alegria, que outras vezes tinham experimentado. De todos estes vicios, e imperfeições, e outras muitas contra outras virtudes, em que costumão cahir os principiantes, ainda quando se vem mais favorecidos de Deos, e mais regalados de gostos, e consolações, os intenta Deos purgar, limpar, e purificar, mediante esta purgação passiva do sentido, para entrarem no primeiro Ceo, q he a iluminação passiva, que se segue.

CAPITULO VIII.

Da Iluminação Passiva.

351 **C**omo a purgação passiva do sentido he disposição para a *Iluminação Passiva*, ou para a contemplação infusa em todo o sentido, (porque a da purgação passiva do sentido não he tão propriamente infusa,

fusa ; pois pela maior parte ainda vai acompanhada da imaginação , e tem parte de adquirida) tanto mais , ou menos tempo durará a dita purgação quanto mais ou menos a alma tiver que purgar , e conforme ella tambem da sua parte obrar activamente ou em pratica de paciencia , longanimidade , fortaleza , e mais virtudes , ou em não pôr obice ao que Deos vai nella obrando : que se não cooperar da sua parte como Deos quer , e pozer embaraço á sua obra , quando não torne atrás , que he o mais ordinario , certamente não irá adiante ; mas nessa purgação perseverará , e acabará a vida ; porque como se não conforma com o que Deos quer , cada vez vai acrescentando mais defeitos , que purgar , e estes a vão demorando neste exercicio sem a deixarem passar adiante.

352 Se porém cooperar á graça , e obra do Senhor , e sofrer com animo os trabalhos , com que Deos a vai provando , e dispondo , em breve a chamará o mesmo Deos mais acima , e a fará entrar ao gozo do seu Senhor , que he o da suave , saborosa , e alta contemplação da illumination passiva , e favores sobrenaturaes , que ahi lhe communica. Desta illumination , e favores sobrenaturaes falla S. João da Cruz nos primeiros tres capitulos do livro segundo da Noite Escura , depois de ter tratado athé ali da purgação passiva do sentido , e antes de tratar da do espirito , como faz desde o capitulo quarto por diante ; donde se colhe claramente que a illumination passiva he media entre a purgação passiva do sentido , e a do espirito no sentir deste illuminado Mestre , e assim o confirma a experiencia.

353 Diz pois o S. Doutor no primeiro dos tres referidos capitulos , que a alma , que Deos quer levar adiante , não a põe logo em união de amor assim que fae das seccuras , e trabalhos da primeira purgação , e noite do sentido ; antes costuma passar muito tempo , e annos , que saindo a alma do estado de principiantes se exercita no de aproveitados ; no qual (assim como se sahisse de hum estreito carcere) anda nas cousas de Deos com mais desembaraço , e satisfação do espirito , e com mais

abundante, e interior deleite do que dantes; por que com grande facilidade acha logo em seu espirito mui serena, e amorosa contemplação, e sabor espiritual, sem trabalho do discurso. Aindaque como não está bem feita a purgação da alma (por que falta a principal parte, que he a do espirito, sem a qual a do sentido não fica perfeita) nunca lhe faltão algúas seccuras, trevas, e apertos, ás vezes muito mais intensos do que os passados, que são como presságios, e mensageiros da futura noite do espirito, ainda que não são duraveis como ella ha de ser; por que havendo passado algum tempo, ou dias desta tempestade, logo torna á lua costumada serenidade, e sabor.

354 Este labor, e gôzo interior se comunica ao espirito com muita mais abundancia do que dantes, redundando tambem dahi no sentido mais do que costumava antes da purgação sensível; por que como por ella está já o sentido mais puro, com mais facilidade pôde sentir os gostos do espirito ao seu modo. Mas por que a parte sensitiva he fraca, e incapaz para as cousas fortes do espirito, daqui vem que estes aproveitados por causa desta comunicação dos gostos do espirito, que se faz na parte sensitiva, padecem nella muitas debilidades, e detrimentos, e fraquezas do estomago, e conseguintemente fadiga no espirito. Donde se segue que as comunicações destes, os favores sobrenaturaes de visões, fallas, extasis &c. nem podem ser mui fortes, nem mui intensas, nem mui espirituaes, quaes se requerem para a divina união, pela fraqueza, e corrupção da sensualidade, que participa nellas. E daqui vem os arrobamentos, e traspassos, e desconjuntamento de ossos, que sempre acontecem quando as comunicações não são puramente espirituaes, como são as que succedem aos que já estão purificados com a segunda noite do espirito, nos quaes cessão já estes arrobamentos, e tormentos do corpo; pois gozão já da liberdade do espirito sem que se opponha o sentido.

355 No segundo capitulo continúa o mesmo S. dizendo, que por força destes bens espirituaes, que trazem no sentido os aproveitados, caem em alguns inconvenientes,

e imperfeições , de que necessitam purgar-se na seguinte noite do espirito. Porque como ellas achão ás mãos cheias tantas communicações , e apprehensões ao sentido , e espirito , donde muitas vezes vem visões imaginarias , e espirituaes , (porque tudo isto com outros sentimentos saborosos acontece a muitos destes neste estado , em que ás vezes póde haver engano do demonio , ou da fantasia) e como o demonio costuma suggerir , e imprimir com muito gosto na alma as ditas apprehensões , e sentimentos , com grande facilidade a emboba , e engana , se ella não tem cautela para se resignar , e defender fortemente de todas estas visões , e sentimentos. Porque aqui faz o demonio crer muitas visões vans , e profecias falsas , e lhe faz presumir que falla Deos , e os Santos com elles , e muitas vezes dão credito á sua fantasia.

356 No terceiro capitulo conclue o S. dizendo , que ao tempo que os aproveitados entrão na noite do espirito tem antecedentemente experimentado estas doces communicações , para que assim attrahida , e saboreada do espiritual gosto a parte sensitiva , se coadune , e conforme com elle , para que sejam ambos completamente purgados na escura noite que se segue ; porque nunca húa destas partes se purga bem sem a outra. E como a purgação do espirito he mais terrivel , e espantosa que a do sentido , não a poderia soffrer a parte inferior depois de ter soffrido a primeira , se Deos a não alentasse , e fortalecesse com o doce , e saboroso trato que tem com ella depois que sae da primeira , e chega á bonança que della resulta. Mas este trato , e operações , que tem com Deos os aproveitados antes da noite do espirito , são mui baixos por não estar ainda purificado o ouro do espirito.

357 Ate aqui he doutrina do S. Mystico , da qual se segue que depois que na alma se faz a purgação passiva do sentido entra Deos a comunicar-se-lhe com hum trato familiar , e saboroso , em que lhe concede alta contemplação infusa já sem dependencia da imaginação , ou discurso ; na qual he certo que tambem lhe communica muitos favores sobrenaturaes de visões , revelações , exta-

fis, raptos, locuções, e nestes algúas vezes alguns espaços de união infusa; (aindaque transeunte, e em gráo muito inferior) principalmente quando com ella se avista mais intima, e espiritualmente, e faz com ella o ajuste do futuro contrato dos desposorios, que he húa como declaração da mutua vontade de se unirem intima, e espiritualmente hum com o outro na futura celebração dos desposorios, e a seu tempo na do espirital matrimonio: a qual declaração da mutua vontade se chama *Vistas dos Esposos*, que succedem (como diremos) aqui neste estado de gôzo, e bonança, antes da purgação do espirito, o qual estado se póde chamar *Illuminação passiva*, porque Deos nelle se mostra, e dá a conhecer á creatura mais claramente, e lhe communica ao entendimento mais luz para o conhecer.

CAPITULO IX.

Da Contemplação Infusa, e suas causas, e efeitos.

358 **A**inda que a purgação passiva do sentido já he estado de contemplação infusa, como ellaahi he mui subtil, e desconhecida, e alternada com a adquirida, e ainda com muita dependencia da imaginação, reservei o tratar della para este lugar, e estado de illuminação passiva, aonde ella já he saborosa, conhecida, e mais frequente, e com menos recurso a imaginações; aindaque tambem ainda he alternada com a adquirida, em que a alma se deve exercitar quando Deos não der a infusa, e ainda muitas vezes na meditação; principalmente da Vida, e Payxão de Christo, dos beneficios, e attributos de Deos, quando não poder contemplar activa, ou passivamente.

359 Já dissemos (*an. 141.*) que cousa seja contemplação, e como se faz, e que he acto vital da creatura dependente do principio, ou qualidade sobrenatural, que Deos lhe infunde, para que obre com ella; e daqui lhe vem o ser sobrenatural, e infusa, ainda que na operação
seja

seja natural. Este principio, ou qualidade, que Deos infunde no entendimento, para que contemple, ou para que conheça as cousas sobrenaturaes, e divinos mysterios, póde ser de diversos modos, assim como tambem o são as contemplações; e conforme os principios são mais, ou menos subidos assim são mais, ou menos altas as contemplações. Húas vezes he este principio o dom do entendimento, outras o de sabedoria, outras o de sciencia: outras algúa sciencia infusa, ou graças *gratis datas*: outras huns auxilios muito elevados; e algúas vezes póde ser tanto, que ao menos *transeunter* chegue a ser lume da gloria, que he o principio da visáo intuitiva de Deos, como succedeu a S. Paulo, a Moysés, e muitas vezes a Maria Santissima.

360 Aqui he de saber, que os dons do Espirito Santo não se dão só para aperfeiçoar o homem no modo humano, e segundo a sua liberdade, como as virtudes; mas sim para o aperfeiçoar sobre o seu modo humano em quanto só o dispõem, não para que elle se mova, e obre por sua industria, senão para que seja movido pelo Espirito Santo quando, e como o mesmo Divino Espirito quizer. Estes dons são sete, como ensina a Igreja, a saber: dom de *Sabedoria*, de *Entendimento*, de *Conselho*, de *Fortaleza*, de *Sciencia*, de *Piedade*, e de *Temor de Deos*. Destes a sabedoria, entendimento, sciencia, e conselho pertencem á parte intellectiva; os outros tres de fortaleza, piedade, e temor de Deos pertencem á parte affectiva, e se recebem nella. Todos estes sete dons se achão na alma, que está em graça, ainda que não sempre obre com elles, senão quando para isso he movida por Deos; e se não está em graça, não póde ter nenhum.

361 Os tres de sciencia, entendimento, e sabedoria são os que pertencem á contemplação, por serem os seus actos especulativos, como ella; ainda que secundariamente se extendem tambem, como ella, á operação dos affectos da vontade excitando-os. O dom de conselho he práctico, e pertence á prudencia nas cousas, que se hão de fazer. O dom de entendimento concorre para se co-
nhece-

nhecerem as cousas divinas , e myfterios da fé sem formar juizo a respeito dellas : porém quando se forma juizo , se elle he por altissimas causas , e principios divinos , como o conhecimento de Deos , e suas perfeições , pertence ao dom de sabedoria , e he quando descemos do conhecimento de Deos ao das creaturas : mas quando esse juizo se faz pelas cousas creadas , para subir ás divinas , ou para conhecer outras verdades reveladas , pertence ao dom de sciencia. Quando porém estes juizos se applicão ás obras singulares para regular as circumstancias , modo , e tempo em que se hão de fazer , ou deixar de fazer , pertence ao dom de conselho.

362 A contemplação , que procede do dom da sabedoria , differe da que procede do dom entendimento , em que a primeira tem fabor , e deleitação , e não a segunda ; porque esta he só especulativa , e como por vista ; porém a sapiencia he conhecimento experimental , e pratico como por gosto. O modo de obrar do nosso entendimento na contemplação , mediante o lume sobrenatural , que se lhe dá , tem tres grãos , infimo , médio , e supremo. O primeiro he , quando o entendimento , mediante aquelle principio sobrenatural , contempla as cousas creadas , e dellas sobe a Deos ; e este se dá , quando Deos comunica esta contemplação aos principiantes ; ainda que algúas vezes se acha nos mais. O segundo he , quando o entendimento contempla as cousas divinas , e creadas recolhido dentro de si , sem recurso á imaginação ; ainda que esta tambem ahi se haja *concomitanter* por conversão ao fantasma , e este modo he mais ordinario nos proficientes , ainda que tambem se ache nos outros algúas vezes.

363 O terceiro gráo da contemplação infusa , he quando o entendimento elevado sobre si , contempla as verdades divinas , ou creadas com hum modo eminente , sem nenhum concurso , ou conforcio da imaginação ; porque como ahi entra o entendimento *in caligine divina* , e se une com Deos intimamente refundido n'alma por amor fructivo , de algúa sorte vê a Deos em si mesmo , e nelle todas as creaturas , que nelle reluzem ; e este conhecimento

mento he o mais nobre; que se póde communicar nesta vida fóra da intuitiva visão de Deos, e he proprio dos perfeitos, e nas outras vias só raras vezes, e extraordinariamente se acha. Destes grãos o infimo pertence ao dom da sciencia, o medio ao da sabedoria, e o supremo ao do entendimento; ainda que algúas vezes se misturão os seus raios.

364 *Caligo*, ou escuridade divina, em que se diz entra a alma na contemplação sublime he hum lume inacessivel, em que se diz, que habita Deos: he invisivel pelo excesso da luz, e por isso mesmo inacessivel; porque como Deos he luz clarissima, que excede a faculdade do nosso entendimento, quanto mais se lhe communica, mais o escurece com a sua nimia vezinhança, se Deos o não roborar com o lume da Gloria para o ver intuitivamente, o que na via tem succedido raras vezes: pois assim como quem olha direito para o Sol se cega com a muita luz, e depois nada vê, assim quem olha para aquella luz divina fica *in caligine*; mas nesta vê abundade infinita, a verdade increada, e todas as mais perfeições de Deos; e assim quanto maiores são aquellas luzidas trevas, e aquella clara escuridade, tanto mais perfeitamente conhece a Deos; não percebendo-o distinctamente, mas indistincta, e eminentemente, conhecendo-o presente, e infinitamente perfeito: e a razão he, porque esta escuridade não he por falta de luz, antes he pela redundancia, e excesso della da parte de Deos; logo quanto maior for a escuridade, he certo, que he maior a luz; logo maior será o conhecimento de Deos; porque este raio de trevas dá-se para o mostrar, e dar a conhecer.

365 E causa trevas porque nesta vida havemos de ver a Deos pela fé, que he escura, por espelho, e em nigramas: e assim a alma que está mettida nesta luzida escuridade, e proxima á presença da Divindade, ainda que a não póde comprehender, tem ali húa certa ociosa occupação, que he hum amoroso anhelo, e ancia de ver descuberto o glorioso rosto do Amado; e por isso tem hum como amoroso tedio a essa escuridade; porque conhece que procede

cede da debilidade da sua potencia ; pois em Deos não ha trevas , e com este desejo , tem hũa pacifica esperança , de o ver claramente na patria. Esta contemplação sublime dura pouco tempo ; porque o corpo peſado a interrompe. Alguns Myſticos ſó lhe attribuem meia hora , ſegundo aquillo do Apocalypſe : *Factum eſt ſilentium in Cælo quaſi dimidia hora.* (C. 8.) Outros a extendem até hũa hora o mais ; mas como he de Deos , ſerá quanto elle quizer ; e de alguns ſantos conſta que eſtiverão por mais tempo em extaſis , que ſuccedem nesta contemplação.

366 Affim como na contemplação adquirida ſe não difcorre , muito menos na infuſa ; porque a contemplação he hũa elevação ſuſpenſa do entendimento para com Deos com ſuavidade , e gozo ; ou hũa alegre admiração da verdade revelada , ou hum ſimplez intuito da meſma , o qual ſimplez intuito , ſuſpenſão , e admiração não pôdem eſtar com diſcurſos. Donde dizem alguns , que a contemplação he o deſcanſo dos trabalhos , complemento dos deſejos , perfeição das virtudes , premio da abnegação , fim da oração , e instrumento efficaciſſimo para conſeguir a pureza do entendimento. Esta contemplação ainda que principalmente conſiſta em acto do entendimento , com tudo tem principio no affecto da vontade , em quanto a alma pela caridade he que ſe excita para a contemplação de Deos ; e como o fim conreſponde ao principio , por iſſo he que o fim , e termo da contemplação he no affecto da vontade , em quanto a alma ſe deleita na viſão do Amado ; e eſta deleitação mais lhe excita o amor para o meſmo que vê. Por eſta cauſa entre a alma contemplativa , e o ſeu Eſpoſo Jeſus ſe dá hum vivo amor , que não ſó perſevera no habito da caridade da parte d'alma , mas em hum quaſi continuo exercicio ; porque neste eſtado arde o amor como em viva chama.

367 A contemplação ſobrenatural algũas vezes ſuccede com alienação dos ſentidos , porque de tal ſórte ſe arrebatada a alma ſobre ſi , e ſe abſorbe com a intima ſuavidade , que não ſabe o que Deos obra nella : e por iſſo eſta contemplação ſe chama *Ignorante do modo* , e iſto he
que

que se chama extasis, ou raptos, cuja causa he a grandeza da admiração, com que a alma se eleva sobre si suspenza de tão divina formosura, e tambem a grandeza da devoção, ou amor, com que a alma se abraza, e ferve de tal fórte, que sae fora de si com os desejos, que a impellem; assim como a agoa, que primeiro aquece, depois ferve, e ultimamente se levanta, e sae fora. Tambem concorre a grandeza da alegria, de que se goza na contemplação, que faz que a alma saia fora de si, para se unir com a causa de tanto gozo.

368 A alienação dos sentidos, ou raptos, ou extasis, que procedem das ditas causas em algúas creaturas succedem pela debilidade da potencia, ou natureza; porque ainda naturalmente succede que huns se admirão do que outros não fazem caso, e amão o que outros não estimão: e assim os principiantes, como ignorão as cousas divinas, quando as começam a gostar com a minima visão, ou revelação, logo se arrebatão fóra de si; quando os perfectos, ainda que veção outras cousas muito maiores, não se movem, nem alienão: *Quia ab assuetis non fit passio.* Por isso quando os perfectos tem raptos, ou extasis procedem de causa maior, e de ver algum mysterio, que ainda não tinham visto; porque Deos não se communica igualmente a todos, nem mostra igualmente as suas perfeições; mas ordinariamente aos principiantes mostra primeiro visões corporeas, que são as infimas, depois as imaginárias, que já são mais altas; mas aos perfectos communica as intellectuaes, que são mais sublimes, e hűas mais que outras. Por isso a nobreza da contemplação sobrenatural não se deve julgar porque causa, ou não causa raptos, ou extasis; mas segundo a nobreza do objecto, e perfeição do lume infuso, ou principio sobrenatural coadjuvante.

369 Aqui questionão os Mysticos se na contemplação sobrenatural fica a alma com liberdade? Amim me parece mais provavel, que por mais alta que seja a contemplação nesta vida nunca a alma se priva das operações do entendimento, e vontade, mas que sempre obra livre,

e com conhecimento: porque a graça não destroe a natureza, antes a aperfeiçoa; e a natureza do homem he obrar livremente; além de que sem liberdade não se póde merecer; e não he verissimil que Deos queira privar de tanta perfeição as almas elevadas á contemplação sublime. Por isso se deve advertir, que ainda no mais elevado gráo de contemplação não fica a creatura isenta dos preceitos de Deos, e da Igreja, e de exercitar os actos das virtudes como cegamente errárão alguns hereges, que affirmavão, que as almas na contemplação infusa, já estavão em estado de bemaventurança completa, vendo a divina essencia; ou restituídas ao estado da innocencia, e que nada obravão, mas que se havião *merè passivè*, e por isso nada merecião.

370 Como ninguem está livre de tentações, e muitas vezes Deos permite as quedas aos justos para sua humildade, e cautela, por isso ainda que algum contemplativo não seja logo perfeito, e muitas vezes caia em alguns peccados veniaes, nem por isso logo se devem julgar illusões, e enganos, e que procedem de máo espirito os effeitos sobrenaturaes, que recebe na oração; ainda que sejam da união divina: porque como esta he de dous modos, húa perfeita, e habitual, outra inchoada, ou ainda não perfeita, que he a actual antecedente á habitual; esta póde dar-se n'alma contemplativa imperfeita; e tambem porque Deos muitas vezes concede a contemplação aos principiantes para os attrahir com a sua doçura, e suavidade.

371 Mas ainda que não seja impossivel que se dem estes divinos favores, e consolações á alma ainda imperfeita, he impossivel que quem os recebe não attenda, e aspire cada dia mais, e mais á perfeição; porque este he o fim, que Deos com ellas intenta; e assim como illumina o entendimento sobrenaturalmente, tambem move a vontade sobre o modo ordinario para a maior perfeição. Por isso diz S. Theresa (*Cam. de perf. c. 36.*) que quando a alma não fae perfeita da contemplação, e com grande determinação de alcançar a mortificação, e as mais virtudes, principalmente a de perdoar as injurias, não se há

há de confiar muito na tal contemplação. E assim do proveito, que dos favores, e consolações se legue, se conhecerá se são, ou não verdadeiras, e de bom espirito, como adiante se dirá.

372 Os principaes effeitos desta contemplação infusa são entre outros arrebatár, e attrahir suavemente o entendimento para Deos, e suspendê-lo de tal sorte, que o abstrae, e eleva das cousas terrenas para as celestiaes, e lhas mostra, e faz ver claramente á proporção do seu lume, ou qualidade, que lhe imprime; o que causa grande suavidade, e deleitação n'alma, grande estimação das cousas celestiaes, que conhece, e grande desprezo das terrenas, cuja vileza se lhe faz ver em presença das celestiaes. Tambem causa grande admiração, e hum amor ardentissimo, extático, e anagógico, isto he, que encaminha, e arrebatá para as cousas divinas.

373 Tem esta contemplação todas as propriedades do bem que he ser honesto, util, e delectavel, por isso todos a devemos desejar, e aspirar a ella, como á optima parte, que Maria escolheu; nem para isto nos deve acanhar a nossa imperfeição; porque, ainda que o ordinario he dá-lá Deos aos perfectos; como he fazenda sua póde dá-la, e muitas vezes a dá aos imperfeitos, como dissemos, e a nega aos perfectos por fins só a elle notorios: por isso, ainda que não está na nossa mão o conseguirla, está o dispor-nos; e assim devemos pôr os meios proporcionados, e as disposições necessarias para a conseguir de Deos. Ao Director pertence preparar, e dispor as almas para a contemplação, ou immediatamente pelo seu exercicio, e pelo da adquirida, ou mediatamente pela mortificação das payxões, prática das virtudes, e pelas obras da vida activa segundo a capacidade, e aptidão de cada hum; porque nem todos são aptos para a contemplação, como dissemos, (*an. 101.*) e o mostra a experiencia, e se vio naquellas Santas Irmans Marta, e Maria.

CAPITULO X.

*Do Recolhimento, Quiete, e Oração de Fé infusas ;
e da Embriaguez sobrenatural, e Somno de po-
tencias.*

374 **A** Oração de *Recolhimento* infuso he o primei-
ro gráo de contemplação infusa laborosa,
e succede quando Deos pela interior doçura da contem-
plação, obriga suavemente a alma, para que deixando a con-
sideração das cousas extrinsecas, e caducas, se retire ao
seu interior para attender ás celestiaes. Neste gráo de con-
templação não se alienão totalmente os sentidos, nem as
potencias; mas como diz S. Theresa (*Mor. 4. c. 3.*) tu-
do está muito applicado em Deos com tanta suavidade
interior, que sem diligencia da creatura, se-lhe cerrão os
olhos, e se poem a alma em solidão; e com isto se dis-
poem para a oração de quiéte, em que já perdem os sen-
tidos o seu direito, e começam a obedecer gostosamente
á razão; de sorte que apenas o Senhor dá hum silvo, ou
inspiração, ainda que elles andem por fora com suas oc-
cupações, logo, se retirão ao interior a ouvir o que o
Senhor falla n'alma. Esta suavidade do recolhimento póde
sentir-se não só nas potencias espirituaes, em q se faz a con-
templação, mas tambem nas sensitivas, pelo q alguns cha-
mão a esta oração: *Comunicação, ou recolhimento da parte
sensivel*; mas principalmente se comunica ao entendimento,
e vontade, e dahi se diriva aos sentidos internos, e ex-
ternos. O modo como a alma se ha de haver neste, e nos
mais favores sobrenaturaes, para evitar enganos do demo-
nio, ou da propria imaginação, se dirá adiante. (*an. 463.*)

375 O segundo gráo de contemplação infusa se chama
Quiéte, ou Descanso; porque nella poem Deos a alma to-
da em húa admirável paz, e tranquillidade por meio de
húa doçura, e suavidade, que lhe comunica com a sua
presença, e especial assistencia para que o conheça muito,
e o ame; ainda que não conhece como o conhece; por-
que

que he hum modo admiravel, que não póde entender-se o Senhor lho não manifesta ; mas bem entende que se lhe dá Deos , e que o tem mui perto de si ; pois tanto como goza , bem vê que só d'elle lhe póde vir. E daqui vem á alma hum grande respeito , e reverencia tal , que nem se atreve a pedir-lhe nada ; ou porque o mesmo gozo a engolfa na attenção só a Deos , ou porque adverte que aquelle Senhor , que tão liberal se lhe communica , como conhece as suas necessidades , lhas remediará sem ser necessario pedir-lho. Está ali a alma tão deixada de si em feu Deos , que corpo , e espirito se achão tão amortecidos , que quizerão não se bullir ; entregando-se toda a gozar-se em Deos , donde entende tirará forças para depois trabalhar em servi-lo. Sente-se grandissimo deleite no corpo , e satisfação n'alma , de sorte que lhe parece não ha mais que desejar.

376 As potencias estão sossegadas de sorte , que não querião bullir-se , nem attender a outra cousa , porque tudo lhes parece as embaraçará a amar o Amado. O entendimento , e memoria estão livres , mas a vontade está cativa do amor do Senhor ; e se algũa pena póde ter estando assim , he de ver que ha de tornar a ter liberdade , porque quizera ficar-se sempre ali , como S. Pedro no Tabor. O entendimento não queria entender mais do que entende , nem a memoria lembrar-se de mais nada. Aqui vem , que só isto as satisfaz , e que as outras cousas antes as perturbão , e tirão do seu gozo : não querião que o corpo se bullisse , porque lhes parece hão de perder aquella paz. Neste tempo custalhes a estas creaturas o fallar ainda fóra da oração , ainda que seja rezar ; porque conhecem experimentalmente , e com satisfação , e gosto d'alma , que o Senhor quer que conheção , que cousa he o seu amor com regalo. Parece-lhes que não estão no mundo ; nem querião ver , nem ouvir senão a seu Deos : nada lhes dá pena nem parece lha dará. Em fim em quanto dura esta satisfação , e deleite estão absortas , e embebedas no mesmo , e não se lembrão que há mais que desejar , senão que de boa mente dirião : *Senhor bom he que estejamos aqui,*

377 Nesta oração de quiete infusa, como também nos recolhimentos, e outros grãos, que diremos há teu mais, e menos, conforme o Senhor quer communicar-se, e segundo o estado da alma, e disposição della; por isso húa mesma mercê em huns faz maior impressão do que em outros. Assim alguns depois deste favor ficão hum dia, ou dois como sem acordo para as cousas do mundo, principalmente quando he já no estado da união, em que a alma já não gosta senão de Deos. A este grão de oração chegão muitas almas, mas poucas passão adiante, e muitas tornão atrás, porque se não sabem dispor para ir a diante, nem desfapegar-se dos cuidados, e affectos ás cousas do mundo, que ainda que pequenos, e licitos, divertem a alma do cuidado continuo, e paz, que aqui deve ter em Deos, para que elle obre nella.

378 Aqui se deve advertir que como as ancias do amor de Deos vem com grande impeto, e sensivelmente, e he cousa tão faborosa o gozar de tanta suavidade, costumão algũas almas deixar-se attrahir tanto della, que lhes prejudica a saude corporal; pois como este amor, que se communica ás potencias sensitivas, se recebe no coração, commove-o muito pelo muito sangue que ali corre, e como lhe he violento, o fatiga, e molesta, e parece que algũas vezes se suffoca; e daqui procedem alguns achaques do coração, e tristezas, e dores do estomago por falta do calor natural, que acudio ao coração; donde se segue muitas vezes não poder digerir o alimento, e perder-se a vontade de comer, pelo que se debilitão excessivamente. Por isso he necessario ir de vagar ao principio, e não dar muita larga a estas ancias do sensitivo, e violentar-se a comer o sustento necessario. O que se diz destes grãos de contemplação, e dos que se seguem, se entenda também da contemplação de *Fé Infusa*, que he toda a destes grãos; e della se diz o mesmo que fica dito acima, (*an. 235.*) só com a differença de que ali he adquirida, e aqui infusa.

379 Nestes grãos de oração, e contemplação infusa costuma Deos communicar-se com tanta abundancia, que não

não podendô as potencias naturaes abraçar tanto gôzo, nem digerir influencia tão soberana fahem de si para melhor se acharem. E porque muitas vezes succede na alma, que se desacorda com hum espirital desatino ao modo de quem bebeu vinho em demasia, por isso se deu a este excesso espiritual o nome de *Embriaguêz*, e delle usa a Escriptura em muitas partes para explicar a abundancia de doçuras, que Deos cõmunica aos seus amigos; porque a força, e impeto do grande amor de Deos, que se communica, e a contemplação, que procede do dom de sabedoria causa similhantes effeitos; como succedeu aos Apostolos quando receberam o Espirito Santo, que fazião taes excessos de jubilo, e gôzo, e fallavão com tanto fervor as maravilhas de Deos, que forão reputados por ebrios, e tomados do vinho. Daqui procede que os que tem este impulso costumão pronunciar algúas palavras sem concerto; e outras vezes os não deixa parar em hum lugar com a violencia do ardor, como succedeu a David quando ia saltando diante da Arca. Outras vezes rompem em vozes, e se explicão por termos, que passão além da raia da razão, e parece tratão a Deos com algum menos respeito, como lhe disse Job, que se lhe tinha feito cruel: e David: *Senhor estais a dormir? Esqueceis-vos da nossa necessidade? Levantai-vos, e ajudai-nos.* (Ps. 43.)

380 Esta divina influencia he de seu genero mais efficaz, vigorosa, e forte que a que se cõmunica nas orações infusas antecedentes, e por isso tem mais fortes, e excessivos effeitos sensiveis; porque quando o excesso de gôzo chega a communica-se á parte sensitiva, a faz sensivelmente romper nos ditos effeitos. E como este gôzo pela força da doçura tira a creatura do seu acordo, não lhe deixa bastante advertencia para concertar o que então diz; donde diz S. Theresa que esta oração: *He hum glorioso desatino, huma celestial loucura, aonde se aprende a verdadeira sabedoria.* (Vida c. 16.) E então só as potencias tem agilidade para se occuparem em Deos, e por elle abraçarão quantos trabalhos, tormentos, e despresos se

se pódem offerecer, e tudo lhes seria gostoso.

381 Outras vezes dizem palavras com muito concêrto, e sobre a sua natural capacidade, porque Deos as concerta; e ás vezes fazem canticos, e versos de grande cadencia, e conceito; pelo que alguns Mysticos chamá-rão a esta oração hũa especie de raptó. E porque esta embriaguez nasce do amor de Deos, que ainda não he perfeito, como será quando chegar aos grãos da via uni-tiva, aonde tambem se acha outra embriaguez de espi-rito mais perfeita, que pertence ao desposorio espiritual, por isso S. João da Cruz (*Canc.* 17.) diz que esta, de que aqui se falla, tem muito de imperfeita, e sensível; porque nasce do amor de Deos, que ainda se chega mui-to á parte sensitiva. Por esta causa estes favores, e furias espirituas costumão prejudicar á faude se não se mode-rão, como dissemos; pois se guião muito pelo sensível.

382 O qual explica o S. Doutor com o exemplo do vinho novo, que tem os fervores por fóra, e tem aquel-la força de ferver por não ter ainda digerido, e cozido as fezes; por cuja causa tem o gôsto áspero, e grosso; e tem perigo de se derrancar, e damnará a quem o be-ber com excesso, porque não tem a bondade na substan-cia, como quando elle he velho; e muito mais se esti-ver composto com misturas de finas, e saudaveis qualida-des; ao qual vinho já fazonado se compára o amor, que se acha nos desposorios espirituas por ser perfeito, sua-ve, e forte em sua propria substancia, e do qual nasce a embriaguez do espirito, que alí costuma succeder: e desta qualidade foi a que tiverão os Apostolos, e outros Santos em grãos de elevada fantidade.

383 Mas assim como a embriaguez do vinho hũas ve-zes causa inquietação, vozes, e alvoroços; outras causa somno; assim nesta espiritual, e sobrenatural se achão os mesmos effeitos; pois hũas vezes causa hũa inquietação faborola, hũa loucura santa, hum glorioso, e prudente desatino, como fica dito; outras vezes causa hum somno de forte, que todo o sensitivo se suspende, se quieta, e perde as suas operações; todas as potencias sensitivas fi-
cãõ

ção ligadas, e immoveis para gozar em sossego a muita suavidade, e regalo, que lá de dentro as atrahê com tal força, que não pôde a creatura resistir, senão se com grande força se quizesse divertir, e ainda então diz S. Theresa (*Vida c. 16.*) que lhe parece não poderia de todo.

384 Este *somno de potencias*, que assim chamão os Mysticos a este gráo de oração, he maior mercê, e se comunica nelle maior luz ao entendimento, e maior excesso de amor de Deos á vontade, e maior gozo ás potencias sensiveis, do que nos outros dous grãos infusos de recolhimento, e quiete. As potencias com tudo não se perdem de todo neste abyssmo de celestiaes doçuras; por que ainda que parece que não pôde o nosso curso natural soffrer tanto; com tudo não fica de todo rendido, senão quasi morto a todas as cousas desta vida, e quasi de todo entregue só a Deos, em quem se goza, e de cujas doçuras quasi se facia sem se fartar: e ainda que esta alienação lhe dá pena, he tal pena, que quizera que nunca faltasse.

385 Importa muito, como diz S. Theresa, (*Vida c. 15.*) que a alma, que chega a este estado, e aos mais, que a elle se seguem, conheça a grande dignidade em que está, e a grande mercê, que lhe tem feito o Senhor, e como por boa razão não deve já ser da terra, porque parece a faz a sua bondade vezinha do Ceo, se não põe embaraço por sua culpa. Mas não se dê por segura, que muitas daqui, e ainda de mais alto tem cahido por sua soberba, e presumpção. Profunde-se em hum grande conhecimento proprio; e por isso mesmo que o Senhor lhe fez a grande mercê de a chegar a este estado, tenha húa humilde, e santa presumpção, e brioso animo para não tornar ás carnes do Egypto. E se por desgraça cahir, por nenhum modo deixe a oração, que nisso está todo o seu remedio.

CAPITULO XI.

*Declara-se em que consistão as Vistas dos Esposos; e da-se
buna breve noticia das quatro Aguas, e sete Mora-
das de S. Thereza.*

386 **D**Esta oração de embriaguez, e somno de po-
tencias trata S. Thereza no capitulo 16. e 17.
de sua vida, aonde lhe chama já oração de união conhe-
cida da alma com Deos, ainda que não total de todas as
potencias; e diz que he a terceira agua das quatro, em
que divide os grãos de Oração: e nas Moradas quintas
tratando desta mesma oração diz no capitulo 4. que esta
união ainda não chega a desposorio, mas que aqui são
as *Vistas dos Esposos*. E como principia as Moradas sextas
por huns grandes trabalhos, que precedem aos divi-
nos desposorios, que nas mesmas Moradas sextas se fa-
zem, como diz a mesma Santa, os quaes trabalhos são
a purgação passiva do espirito, que dispõe para os divi-
nos desposorios, (porque da do fogo, ou do amor, que
precede, e dispõe para o matrimonio espiritual, trata a
Santa no fim das Moradas sextas, e principio das seti-
mas) segue-se que nesta oração de embriaguez, e somno
de potencias, que já he de união, ainda que em grão in-
ferior, são as alegres *Vistas dos Esposos*. Donde, e do
que se dirá, fica claro, que esta divisão, e ordem dos
estados, que expozemos, (*an. 86.*) e imos seguindo, he
mui conforme á doutrina da S. Madre; o que melhor se
verá na breve noticia que imos a dar das suas quatro
Aguas, e sete Moradas, e conformidade da doutrina de
húas, e outras.

387 Querendo a S. Madre explicar quatro grãos de
oração, a que todas se podem reduzir (porque as ora-
ções do ultimo grão só differem entre si por mais, ou me-
nos elevadas) se serve de húa comparação admiravel de
quatro modos com que se póde regar hum horto, ou jar-
dim; e por isso chama quatro *Aguas* a estes quatro grãos
de

de oração. Diz pois no capitulo 11. de sua vida, que o primeiro modo de regar he tirando a agua com hum caldeirão de hum fundo poço, o que já se vê vai tudo á força de braço, e a muito custo. O segundo he tirando-a de hum poço já não tão fundo, e por engenho de roda, ou nóra, com o que fica muito mais suave o trabalho, e se rega em mais abundancia. O terceiro he quando vindo a agua de algũa fonte, ou regato, não tem mais trabalho o jardineiro do que endireitá-la, e guiá-la para que corra pelo pé das flores, e plantas. O quarto he quando chove do ceo, em que nenhum trabalho, ou diligencia põe o hortelão; e já se vê que estes dous ultimos modos de regar são muito mais abundantes, e proveitosos para o jardim.

388 Conforme a estas quatro aguas, ou modos de regar explica a S. Madre os quatro grãos de oração. O primeiro he dos principiantes, e he toda a oração natural, que a alma faz por propria diligencia, e com trabalho, qual he a meditação, e a contemplação adquirida como ella explica nos capitulos 11, 12, e 13. da sua vida. E tambem pertence a este primeiro gráo a oração de seccuras, que se tem no tempo da purgação passiva do sentido, porque supposto já tem parte de sobrenatural, como he de tanto trabalho, e tem muito de natural, a esta primeira se deve reduzir. O segundo gráo he já dos aproveitados, e diz a Santa capitulo 14, e 15. que he a oração de recolhimento, e quiete, que supposto já he sobrenatural, ainda custa algum trabalho á creatura por haver de dispor-se para ella por propria diligencia, e concorrer com a ajuda dos discursos, e imagens, em quanto Deos não dá o sobrenatural. Por isso fallando desta oração de recolhimento, e quiete infusas nas quartas Moradas, diz no fim do capitulo 3. que ahí ha natural junto com o sobrenatural.

389 Do terceiro gráo trata a S. Madre no capitulo 16. e 17. de sua vida, aonde diz que he oração de embriaguez, e somno de potencias, e que já he conhecida união da alma com Deos; aindaque não total de todas as po-

tencias; na qual a creatura já não tem mais trabalho do que encaminhar esta agua divina; isto he dispor as potencias, e ministrá-las sem embaraço de cousas terrenas, ou cuidados ociosos, para que por ellas corra com suavidade, e proveito; a qual oração diz a Santa que he mais do que a de recolhimento, e quiete antecedentes. O quarto gráo he a oração de raptó, vôo do espirito, ou extasis, (que tudo he o mesmo com pouca differença) na qual a creatura já não obra, nem he necessario que se disponha proximamente; porque vem esta oração quando Deos quer; e ás vezes estando a creatura bem descuidada, e ainda cuidando em cousas estranhas. Desta trata a Santa no capitulo 18. e nos tres seguintes de sua vida. E como já he união total de todas as potencias, e daqui a diante não há outra differente, senão em ser em grãos cada vez mais levantados, por isso concludo aqui todos os grãos desta oração, que são muitos, e cada vez mais sublimes, e de maiores favores divinos, como ella declara em outras partes.

390 Muito se conforma com esta doutrina o discreto modo com que a mesma Santa Doutora expoem o progresso de hũa alma no caminho da virtude, e oração desde o seu principio athé que chega a celebrar o divino matrimonio com o Amado, usando para isso de outra não menos subtil, e discreta similhaça. Divide o caminho, ou modo de proceder na virtude, e oração em sete *Moradas*, ou estancias de hum castello que he a nossa alma, as quaes estão contiguas, e communicaveis entre si; a setima, que he a mais interior, está no centro, e nella habita o Senhor, e para ella se vai desde a primeira por sua ordem, e em cada hũa dellas vai a alma vendo, e experimentando cousas novas, e recebendo novos alentos, e disposições, para ser admittida na ultima em que está a consumação da virtude. Destas *Moradas*, além da sua boa digestão, nos deu hũa exposição bem discreta o douto P. Fr. João de Rôxas nas suas *Representações da verdade vestida*, conforme á qual, e ao que dellas mesmas está claro he a sua ordem pela maneira seguinte.

391 Nas primeiras Moradas entra a alma quando se resolve a virar as costas ao mundo, e seguir a virtude de veras; e começa quando começa o estado de principiantes, e com ellas principia a primeira Agua de S. Theresa. Nas segundas Moradas entra a alma quando conhecendo o valor, e estimação da virtude, se firma em novos propositos de fazer nella progressos, e não tornar aos caminhos do engano. Aqui hũa vezes tem consolações, outras desgostos, e se exercita na pratica das virtudes, e na meditação da vida de Christo, e acabão estas Moradas em contemplação de fé adquirida, como diz o referido Expositor. (c. 14.) Donde se vê que as primeiras Moradas contêm só a purgação activa do sentido, e estas segundas contêm a illuminação, e união activa, que consiste na conformidade com a vontade de Deos, que muito aconselha a S. Madre nestas; e nas seguintes Moradas. Tambem se incluye aqui a contemplação activa, que he a de fé, que diz o P. Rôxas, e nós dissemos em seu lugar. Ainda aqui continúa a primeira Agua da Santa.

392 Nas terceiras Moradas entra a alma por huns grandes temores de perder, e ter perdido a Deos, com grandes seccuras, e escuridades na oração, e outras desconfortações, e trabalhos; o que bem se vê he a purgação passiva do sentido. Ahi trata a S. de hũa nudez, e deixação d'alma em Deos, e da resignação, e conformidade com elle, e promptidão na obediencia para não fazer em nada a propria vontade, o que entende, e expoem o P. Rôxas (c. 19.) da purgação activa do espirito, ou do homem interior, a qual dissemos (an. 241.) que acompanhava n'alma a purgação passiva do sentido, ou comece antes, ou com ella. Aqui acaba a primeira Agua da S. Madre. Nas quartas Moradas entra a alma por oração de recolhimento, e quiéte infusos a que a S. ali chama oração de gostos, e he a sua segunda Agua; porque tem natural junto com sobrenatural, como ella ahi diz, (c. 3.) e aqui começa a illuminação passiva.

393 Nas quintas Moradas entra a alma por oração de embriaguez, e somno de potencias como ahi lhe chama

a S. Madre, e diz que he já de conhecida união d'alma com Deos, ainda que não totalmente de todas as potencias. E nesta consistem as vistas dos Esposos, como ella declara no capitulo 4. E esta he a sua terceira Agua. Nas sextas Moradas entra a alma por huns grandes trabalhos interiores, e exteriores, que a S. declara no primeiro capitulo, os quaes são a purgação passiva do espirito, que precede como disposição aos divinos desposorios, os quaes ella ahi diz no capitulo 4., e Moradas quintas capitulo 4., que se fazem nestas sextas Moradas, aonde no dito capitulo 4., e seguintes expõem a oração de arrobamento, ou raptó, ou arrebatamento, ou vôo de espirito, ou extasis, que tudo com pouca differença he o mesmo, em que se celebrão os mesmos desposorios, como diremos; e esta he a quarta Agua da S. Madre, e já oração de união completa de todas as potencias com elevação das mesmas.

394 Depois desta oração, e estado declara a S. Madre no capitulo II. outros padecimentos, e trabalhos interiores, a que ella mesma chama purgatorio, com que o Senhor dispoem, e purifica a alma para haver de entrar nas setimas Moradas a celebrar com elle o divino matrimonio; dos quaes trabalhos tambem faz menção no primeiro capitulo das mesmas setimas moradas, e no capitulo 20. de sua vida, e nestes consiste a purgação do fogo, ou do amor como diremos. Depois de acrisfolada a alma neste purgatorio de amor entra nas setimas moradas quando Deos a eleva a húa visão intellectual de toda a Trindade Santissima, como diz a S. no mesmo primeiro capitulo, e depois a une consigo por modo mais alto, e divino do que nos desposorios; porque nesta união consiste o matrimonio espiritual, de que ella trata no capitulo 2., e seguintes das mesmas Moradas setimas.

395 Do que aqui se diz, fica claro que as alegres vistas dos Esposos he o primeiro gráo de união, e o mais infimo a respeito dos mais, que se seguem; e que estas vistas não succedem no estado de perfeitos, e via unitiva, mas sim no de aproveitados, e via illuminativa, de que imos tratando, e neste gráo de oração que se cha-
ma

ma embriaguez, e somno de potencias, que acima fica explicado. E chamão-se *Vistas dos Esposos* tomando a similitude dos que se querem desposar carnalmente, que se manifestão, e vem pessoalmente, para que se agradem hum do outro; e tratão das conveniencias do conforcio para mais cativar as vontades; e se ajustão as circunstantias, e o tempo, ou dia para o futuro desposorio: o que neste contrato espiritual se faz pela oração de união que explicamos, na qual se dá o Divino Esposo já bem a gostar á alma com noticia experimental, e outros favores, que nesta soberana, e alta contemplação lhe concede, illustrando-lhe o entendimento com o dom da sabedoria muito perfeito, e intenso; e inflamando-lhe a vontade com hũa soberana, e perfectissima caridade, com que o ama mui perfeita, e intensamente; e como entra a gostar como he suave o Senhor, toda se desfaz em ancias de o possuir no desposorio divino.

CAPITULO XII.

Da Purgação Passiva do Espirito.

396 **A**ssim como para o Divino Esposo commu-
nicar á alma aquelle soberano favor da sua
vista a dispoz primeiro com a purgação do sentido, assim
para lhe conceder o seu doce desposorio, que he mais su-
blime, e singular, a quer dispor com outra mais terrivel
purgação, qual he a da parte superior, ou do espirito, que
se faz nas potencias superiores memoria, entendimento, e
vontade acrisolando-as de toda a macula, e imperfeição de
seus actos, e habitos para entrarem em hũa mais estreita
cõmunicação, e união com o Amado. Digo que he mais
terrivel, e espantosa esta purgação, porque á sua vista pare-
ce não forão nada os trabalhos da purgação do sentido: a
razão he porque a primeira fez-se para que a parte inferior
se proporcionasse com a superior, e esta faz-se para q̃ a parte
superior se proporcione com Deos, com quem se ha de
unir; e por isso deve ser tanto maior, quanto estas par-
tes

tes são entre si mais distantes, e desproporcionadas. 397. Consiste pois esta trabalhosa purgação em hũa contemplação infusa sobrenatural lucidissima, e eminente, cujo excesso por ser sobre a virtude d'alma, he causa de que o entendimento com trevas, e a vontade com summa angustia, ancia, e aridez se atormentão; a que a companhia hũa grande tristeza, e outros muitos trabalhos d'alma, e do corpo. Della trata S. João da Cruz em todo o segundo livro da sua Noite Escura, aonde se pôde ver com bem extenção, e energia: ahi diz que consiste na contemplação infusa, como se disse da purgação do sentido, e que já aqui ha Mystica Theologia pelo secreto da sua operação: mas tanto esta Mystica Theologia, como a contemplação não são conhecidas; porque a alma mettida nas luzidas trevas desta clarissima escuridade vê sem saber que vê, conhece sem saber que conhece.

398. E he a razão disto porque aquella clarissima luz da contemplação, que penetra o intimo do coração, e o centro d'alma, manifesta todos os seus defeitos ainda que occultos, e pequenos atormentando-a fortemente com o conhecimento delles; mas como he luz tão intensa, envolve o entendimento em trevas, ás quaes ajudão a fazer mais palpaveis as angustias, e securas, a que se vê reduzida a vontade pelo sentimento de tantas misérias, que em si descobre, cuja tribulação se refunde também no entendimento, e o faz applicar mais ao que sente, do que ao que conhece. Daqui se segue parecer-lhe á alma que está perdida; que não tem feito nada no serviço de Deos; que os favores, que experimentou, e recebeu del-le tudo erão illusões da fantasia, ou enganos do demonio; e que tem mandado a enganar os confesores, e que he necessario desenganar-os, e fazer confissões geraes, porque tudo até ali tem sido hũa invenção, e engano.

399. A razão porque esta luz causa trevas, he a mesma que na purgação do sentido se disse. (an. 312.) E como quanto maior for a luz tanto mais offende a potencia, e a deixa em maior escuridade, sendo esta contemplação de muito maior excesso não só do que a da purgação

gação do sentido, mas ainda do que as favorosas que no capitulo decimo ficão declaradas, supposto não he conhecida, e favorosa, como ellas, he certo ha de ser mais densa aqui a nuvem, em que o Senhor se esconda á amante alma, que o deseja ver; porque a quer então privar da sensível confortação, que em outras contemplanções lhe tem dado; porque nesta quer só que em segredo conheça suas culpas, fazendo ponderação ainda que sêcca do que he Deos, e quam digno de ser amado, e por isso mesmo que feia cousa he o peccado. Por isso os Mysticos chamão *Raio de treva* a esta contemplação, porque sendo em si clarissimo, he para a alma trevas, e escuridade pela debilidade da mesma alma.

400 Por esta razão não he muito que cause na vontade angustia, tristeza, e aridez; porque como antes gozava de tanta felicidade, gozo, e consolação, se sentia fervorosa, e cheia de favores divinos; toda anciosa por Deos, a quem ardente, e suavemente amava; vendo-se agora de repente privada de tanto bem, posto hum muro de separação entre ella, e Deos, sem gosto, nem consolação em nada, que faz; e além disto conhecendo-se cheia de culpas, e defeitos, confusa, e envergonhada de tanto mal, que em si vê, como não ha de estar triste á vista de hũa tão grande novidade? Parece-lhe sem duvida que está em desgraça de Deos, e que por isso elle se lhe converteu em cruel, como se queixava o S. Job; (c. 30.) e por isso lamenta como elle, que sendo em outro tempo rica de favores, e consolações, de repente se vê abatida, e humilhada, e reduzida a hũa extrema pobreza; (c. 16.) ou como David, que vendo-se nesta purgação, e desamparo dizia, que o cercarão as dores da morte, o atacarão os perigos do inferno, e achou a tribulação, e a dor. (Ps. 114.)

401 E na verdade aperta Deos aqui a alma com tantas fadigas, e penas, que verdadeiramente se pódem comparar ás da morte, ou do inferno: pois se está interiormente desfazendo por não achar cousa, que a possa alentar, antes tudo amargo, triste, e violento. Além destes

trabalhos lhe permite Deos outros grandes n'alma, e no corpo. Húas vezes tentações gravíssimas contra a fé com tanta viveza, que lhe parece muitas vezes que já não crê nenhum dos mysterios da Religião, e que está inteiramente herege, o que lhe causa húa pena intoleravel, e antes quizera mil mortes. Outras vezes contra a esperança se vê quasi a termos de se persuadir que está condemnada, que já não tem remedio, nem póde haver para ella misericordia; pois não lhe parece que quem he tão máo, como se conhece, a possa merecer.

402 Contra a caridade se vê tentada para se aborrecer, e se impacientar contra Deos, e para o ter por injusto, cruel, e falto de misericordia, e piedade, e que não he tão bom como se diz, porque se o fora, não a desempararia, nem castigaria com tanto rigor, e aspereza: e ás vezes a acomette o espirito de blasfemia, e algúas succede chegar a proferi-las sem saber como, porque não o quizera por quanto tem o mundo, e lhe he isto hum tormento maior do que todas as suas tristezas, e angustias. Contra a castidade se desenfrea tanto o appetite, que athé no exterior se manifestão ás vezes os effeitos da sua vehemencia, e por isso se afflige muito a pobre alma, que desejava ser esposa casta, e pura para o seu Amado; e com o temor que tem de o offender a cada passo lhe parece que consente, porque julga que tão fortes batarias, e tanto segundo o sensível, e deleitavel não podem compadecer-se com não as querer a vontade; e lhe parece já não tem forças para maior resistencia; por cuja causa muitos Santos se arrojáraõ nas espinhas, no fogo, na neve, no gêlo, e fizeram outros extraordinarios rigores para se vencerem.

403 Similhanamente se vêm tentadas as almas nesta purgação com iras, impaciencias, aborrecimentos, invejas contra os proximos, e outros vicios. Carrega-as húa multidão de escrupulos; e muitas vezes permite Deos ao demonio, que as atormente, e afflija húas vezes com máos tratamentos no corpo, como ao S. Job, e a muitos Santos; outras com feias visões, e ameaços; outras
com

commovendo as creaturas, para que as perfigão, e murmurem, lhes levantem falsos testemunhos, satyrizem suas obras, e as tenham por invenções, fingimentos, e nascidas de máo espirito; e ás vezes até os mesmos parentes, e amigos as desamparão, e fogem dellas como apesfadas, ou se as communicão he para mais as affligirem, e fazerem mais crescido o seu tormento com as advertências, e culpas, que lhe lanção em rosto, como fizeram os amigos de Job, e a sua mesma mulher. Finalmente aqui são atacadas as almas por todos os modos, com que o mundo costuma perseguir a virtude; e este he o mais certo final de que ellas a tem, porque virtude sem contradições he impossivel; as murmurações, as adversidades, os desprêzos são tão communs a todos os justos que nenhum, nem o mesmo Christo lhe escapou; e o disse S. Paulo, que: *Todos os que quizerem viver piedosamente em Jesus Christo, hão de padecer perseguição* (2. Tim. 3.)

404 E sobre isto costumão vir-lhe muitas dores, achaques, e enfermidades. Não tem muitas vezes a pobre alma para onde respirar, porque até o Ceo se lhe tem feito de bronze, e lhe parece que Deos a não ouve, que não faz caso della, nem da sua oração, por mais que a elle clame, como se queixava Jeremias. (*Tr. 3.*) *Sed & cum clamavero, & rogavero, exclusit orationem meam.* Só o Padre espiritual he a consolação da pobre alma, e ainda algũas vezes permite Deos para maior exercicio, e pena, que o Director se lhe mostre defabrido, e carregado, a reprehenda com aspereza, e lhe diga palavras, que lhe atravessem o coração, como diz de si mesma S. Theresã. (*Vida c. 30.*) O que he grande tormento á pobre alma; pois esta só porta, a que lhe restava bater para o alivio, a acha fechada, e nella repulsa para toda a consolação. Outras vezes a mesma communicação do Director lhe he penosa pela pouca satisfação, e alivio, que acha nas suas doutrinas, e conselhos, parecendo-lhe que a não entende, nem conhece o que passa por ella, nem o estado da sua consciencia, e que o deve deixar, e buscar outro, ou não ter nenhum; pois em nenhum achará

o remedio a tanto mal. Quam grande pena isto seja, só o póde saber quem a experimenta.

405 Todos estes trabalhos, e outros muitos permite Deos ás almas, que quer unir comfigo no amigavel despofoio; mas nem todos os permite a todas, nem a todas os mefinos; senão a hũas huns, a outras outros conforme o q̄ nellas ha que purgar, e o gráo de união, a q̄ as quer elevar; e tambem segundo as forças, e valentia, com que os sofrem; porque como o Senhor he fiel, que não permite que sejamos tentados sobre aquillo, que podemos, aos fracos permite menos, mas tambem não chegarão a tanta perfeição; mas aos valentés, e animosos permite mais, e estes são os seus muito amados, e escolhidos, em que quer obrar grandes coufas: e por esta mesma razão em hũas almas dura mais esta purgação, do que em outras; porque as quer sublimar a favores mais altos, e por isso as conserva mais tempo neste exame de fogo, e prova de trabalhos, para que saião mais puras, e acrisoladas, e dignas de subir aonde as chama, e quer levar o Senhor. Tudo em fim o mesmo Senhor dispoem segundo o fim, que se propoem a sabia providencia.

406 Algũas almas, ou muitas ha, a quem por sua fraqueza, e inconstancia não poem Deos nesta rigurosa purgação, porque conhece que se se vissem em tantos trabalhos, e trevas, descahirião de animo, e declinarião do caminho da virtude; por isso conformando-se com a sua fraqueza lhes vai dando trabalhos alternados com gostos, e alivios, fazendo como diz S. João da Cruz, (*Noite l. 2. c. 1.*) amanhecer, e anoitecer a meudo, e dando a bocados o crystal da contemplação, (*Pf. 147.*) com que vai purgando as almas, que não hão de subir a tão alto gráo de amor, e união como as outras: sendo que tambem ás que estão nesta escura, e tenebrosa noite, e o Senhor as vai dispondo para que passem adiante, lhes dá de quando em quando huns raios de luz, com que as alenta naquelle penoso trabalho; porque compadecido o Amante Divino da tribulação, em que as vê sumergidas com o temor de que vão perdidas de todo, e por caminho errado, lhes

lhes dá hũa repentina luz a espaços, com que as fortalece, e segura por hum pouco; mas logo tornão a ficar ás escuras, e em anxiedade como d'antes, porque isto he o que por então quer o Senhor.

407 Assim como succede aos que caminhão, em hũa noite tenebrosa, que pela escuridade temem ir perdidos, mas se succede dar hum relampago, conhecem á sua luz que vão direitos, ainda que logo tornão a ficar na mesma escuridade, e temor, athé que do ceo se lhe repita aquella ainda que escassa, e repentina luz, que os torne em outro momento a segurar do acerto. Mas ás vezes não são tão repentinas as consolações, e luzes celestiaes, que o Senhor dá nesta noite de purgação, que não duren por algum tempo para refazer a alma da fadiga, que a ia opprimindo. Pois como diz S. João da Cruz, (*Noite L. 2. c. 7.*) nestes meios ha interpolações, e alivios, em que por dispensação de Deos deixando esta purgação escura de investir em forma, e modo purgativo, investe illuminativa, e amorosamente, em que a alma como saindo de hũa escura prisão, e posta em liberdade sente, e gosta grande suavidade de paz, e amorosa, e abundante communicação espiritual com Deos, o que he na alma indicio de que vai nella obrando a divina purgação, e annuncio da abundancia que a espera.

408 E ás vezes he tanto o gôzo, que lhe parece á alma que já se acabárão os trabalhos: porque desta qualidade são as cousas do espirito, quando são puramente espirituaes; que quando são trabalhos parece á alma que nunca se hão de acabar; e quando são bens, julga que já não ha de ter mais trabalhos. Mas este pensamento succede aqui poucas vezes; porque athé que esteja acabada a purgação do espirito, raras vezes costuma ser a communicação suave tão abundante, que lhe encubra a raiz, que lá fica na alma, e a faz sentir hũa certa cousa que lhe falta, ou que está por fazer, que não a deixa completamente gozar daquelle alivio; sentindo lá dentro como hum inimigo seu, que ainda que está como sossegado, e adormecido, se teme que tornará a reviver, e lhe appre-

ten-

fente maior guerra. E assim he que quando ella mais segura está a torna elle a tragar, e absorber em outro gráo de trevas mais escuro, trabalhoso, e sensível que o passado, e que talvez durará por muito maior espaço; e tanto maior, e mais diuturno será, quanto maior, e mais duravel foi a consolação, que o precedeu, que tambem para isso a dá o Senhor, para que a fortaleza para os futuros trabalhos.

409 Nesta trabalhosa purgação são as almas ordinariamente tentadas para deixar a oração, exercicios, e vida do espirito com dous falsos motivos, que lhes propõe o inimigo: hum he, que como julgão não fazem nada que preste, antes que em tudo desagradão ao Senhor, he melhor deixar-se do que fazem, do que fazê-lo de forte que mais mereça castigo, do que premio. Outro motivo he hũa fingida humildade, de que sendo tão más como se conhecem, não são capazes de tratar com Deos, nem de estar na sua presença; o que tudo se vence continuando nos exercicios, e oração, considerando que se são tão más com os exercicios, sem elles serão muito peiores; e que Deos quer na sua presença os peccadores; porque a estes veio buscar, e não aos justos, e os chama como mais necessitados da sua misericordia, para sahirem da sua presença justificados, como sahio o publicano, se se humilharem como elle.

410 As almas que passão da purgação passiva do sentido, todas ordinariamente entrão nesta segunda, porque como o estado intermedio he de gostos, e consolações, estas mesmas lhes servem de incentivo para a devoção, e esta ainda que com suas imperfeições as vai dispondo para o estado futuro; e como não tem violencias que vencer, facilmente vão adiante: mas ainda que muitas chegam a esta purgação, adiante passão mui poucas, e muitas tornão atraz por força das sobreditas, e outras tentações, e por falta de fortaleza, e tolerancia nos trabalhos; e muitas aqui perseverão athé a morte alternando trabalhos com consolações, e defeitos com emendas; pelo que, e por falta de fidelidade, e fortaleza não merecem

cem chegar a maior gráo de união; mas como não deixão de ter algũas virtudes, e de conresponder em parte aos beneficios de Deos, não deixa este Senhor de as ir refazendo, e alentando neste caminho com novas graças. Succede a estas almas o que ao povo de Israel, que saindo do Egypto para a terra da promissão, só dous, que forão fieis a Deos, entrarão nella, e os mais por não cumprirem os preceitos do Senhor os deteve, e sustentou no deserto quarenta annos, e ahi acabarão as vidas.

411 Ainda que os trabalhos desta purgação do espirito tem pouca differença dos da purgação do sentido quanto á qualidade, são com tudo na intensão muito maiores; e os interiores tanto são aqui mais activos, quanto tocão em parte mais subtil, e delicada, qual he o espirito, cujos tormentos excedem tão incomparavelmente os do corpo, quanto este he excedido pelo espirito. Mas como desta similhaça dos trabalhos póde originar-se equivocação no Director, e cuidar que está em hũa purgação a alma, que Deos tem na outra, darei alguns sinaes, por onde se possa conhecer, se a alma está, ou não nesta purgação do espirito. O primeiro final de que a alma está nesta segunda purgação he se já tem passado pe'la primeira do sentido, pois sem se purgar na parte sensitiva não passa Deos a purgá-la na espiritual, e se ainda não tem passado a primeira, he final que está nella.

412 O segundo final que se requer junto com o primeiro, para que a alma esteja na purgação do espirito, he que tenham também passado por ella aquelles gostos, consolações, e favores sobrenaturaes, que ficão aqui declarados nos capitulos oitavo, e decimo, e são medios entre hũa, e outra purgação, porque por elles se dispõe a alma para esta segunda, e pelos mesmos se costuma deixar a obra do sentido para entrar na do espirito. Além de que; como diz S. João da Cruz, (*Noite L. 2. c. 3.*) para soffrer esta horriavel purgação do espirito, necessita a alma de ser fortalecida, e roborada com o esforço dessas suaves communicações, que se recebem parte no sensitivo, parte no espirito, paraque se accomodem hũa com

a outra estas duas partes, comendo ambas de hum mesmo manjar, e em hum mesmo prato, paraque juntas, e conformes estejam dispostas para soffrer esta aspera, e dura purgação do espirito, que as espera, na qual ambas se hão de purgar completamente, porque hũa nunca se purga bem sem a outra: donde a rigorosa purgação do sentido he quando começa a do espirito; e a outra mais se deve chamar hũa certa reforma, ou enfreamento do appetite doque purgação.

413 Tambem póde succeder que a aridez, e escuridade, e a falta das communicações, gostos, e favores sobrenaturaes proceda não desta purgação, mas de castigo de Deos por algũas culpas, em que a creatura tem cahido, ou pela tibieza, e negligencia, com que tem cooperado ás graças que lhe tem dado: para o que he necessario advertir, e conhecer quando os trabalhos procedem deste castigo, ou da tibieza, ou de purgação; o que se conhecerá pelos effeitos, que fizerem na creatura; pois quando são por castigo, ou tibieza como Deos não comunica o soberano dom da contemplação, nem illustra o entendimento, nem inflama a vontade, fica a alma fêcca, defabrida, impaciente, e com defeitos; deseja com ancia os alivios das creaturas, e os procura, e os gostos, e satisfação dos sentidos; esquece-se de Deos, não ama o retiro de sua alma, nem procura a limpeza de seu coração; não tem tão profundado o temor de perder, ou ter perdido a Deos, nem se acautela muito dos defeitos, nem lhe causão muito horror os que commette, antes os desculpa no seu conceito, e por palavras. E se por misericordia de Deos cuida algũa cousa na emenda de sua vida, e prática dos exercicios, he mui tibia, e imperfeitamente, e muito ao modo de principiantes na virtude. *Veja-se o que dissemos n. 302., e 303.*

414 Os effeitos porem da purgação do espirito são mui perfeitos, e subidos. Porque em primeiro lugar estas almas se achão com grandes ancias de amar a Deos; o que se conhece, porque em nada do mundo achão consolação, e nada das creaturas lhes dá alivio; e só se satisfi-

tisfariação se lhes dessem o seu Amado : daqui lhes vem huns suspiros por elle ; que por lhes parecer que lhes falta he toda a sua tristeza ; por elle chorão , por elle clamão. Em tudo quanto fazem cuidão em Deos , por quem suspirão ; e por ver que não o achão he a sua pena : não advertindo que o tem consigo , pois estes effeitos são proprios de hũa alma , que está enamorada de Deos , e isto he estar elle com ella , ainda que ella o não conheça.

415 Daqui procede que estas almas não farão hum peccado mortal por quanto tem o mundo ; porque como todas suas ancias são o gozar de Deos , e sabem que peccando o perdem , não se pôdem persuadir a fazer cousa , que cause tanto damno. E se por acaso cáem em algum peccado , logo com grande dor o confessão , o chorão , e fazem vivos protestos de emenda ; e por este temor athé os pequenos defeitos temem , e cuidão em os evitar , receando que desagrudem muito a seu Senhor , e se jáo causa de que elle se lhes retire , e as deixe. Por estes sinaes , e effeitos se poderá conhecer quando a alma está em castigo , ou tibieza , ou nesta purgação do espirito. Veirão-se tambem os sinaes que dá S. João da Cruz para a purgação do sentido , e o modo como ali se deve portar a creatura , que tudo serve muito para este lugar , e estado.

CAPITULO XIII.

Dos exercicios da via illuminativa , ou estado de aproveitados , e da ordem , e modo de os prescrever.

416 **A** Sciencia , prudencia , caridade , paciencia , e mais dotes do bom Director são mais necessarios neste estado de aproveitados do que nos outros : porque no de principiantes , como tudo vai ao sensível , e he o mais ordinario das vias do espirito , he tambem melhor de perceber , e athe aqui com mediano talento , e experiencia se pôde governar hũa alma. No de perfeitos , como tudo he na ordem sobrenatural , he Deos o principal agente que obra , e o principal Director , e por isso

pouco tem o humano Director que fazer. Mas no de proficientes, como a creatura se vê em tantos trabalhos, tantas tentações, e angustias; e outras vezes com tantas cõmunicações, e favores, e em tudo ha sensível misturado com espiritual, e natural junto com sobrenatural, em que o demonio se pôde introduzir, e fazer apparecer a mentira com capa de verdade, e fingir prova de Deos o que he só defeito da creatura, haverá muitos enganos, e falsidades, e tambem muitos perigos de retrocederem as almas no caminho da virtude, se o Director com sabia vigilancia, caritativo zêlo, e paciente cuidado não prover de cautela aos perigos, e enganos; e he bem de ver que sem sciencia, prudencia, e experiencia não poderá bem discernir entre o bom, e o máo, para sacudir a zizania, e cultivar o bom fructo do Senhor.

417 Tanto pois que o Director, segundo os sinaes, que ficão referidos, vir que a alma tem entrado no estado de proficientes, e na purgação passiva do sentido, deve revestir-se de paciencia, e caridade para a ajudar a levar a pesada cruz, que Deos lhe põe aos hombros; deve animá-la para a tolerancia dos trabalhos, que a esperão, e já vai experimentando, e capacitá-la de que esta enfermidade não he de morte, mas para que se manifeste nella a gloria de Deos; advirta-a de que he Deos o doce tyranno que a atormenta, e que se tem recebido d'elle os gostos, e outros bens, porque não receberá tambem d'elle os males, e os trabalhos? Certifique-a de que he para seu bem este purgatorio, em que a mete o Senhor, e que se o sofrer com animo, e paciencia, passará em breve aos grandes bens, que são hum Ceo na terra, para que Deos com elle a dispõe.

418 Persuada-lhe muito a conformidade com a vontade de Deos, o sofrimento, e amor aos trabalhos por amor d'elle, e a virtude da longanimidade em todos elles, offerecendo-se ao Senhor de todo o coração a sofrer não só os que de presente lhe dá, mas ainda outros maiores, que a sua misericordia lhe permitta, e se com elles lhe der a graça para os sofrer: o que lhe será facil se

se persuadir, como he certo, que nada se move sem a vontade de Deos, o qual permite os males para bens, e aos que ama, a esses castiga para sua emenda; prova os justos com os trabalhos como o ouro na fornalha, e com elles está na tribulação para os livrar, e glorificar. O mesmo deve fazer nas murmurações, despresos, e perseguições das creaturas, sabendo de certo que estas são o final distinctivo, que caracteriza os servos do Senhor, aos quaes elle mesmo se dignou abençoar por sua boca dizendo: *Bemaventurados os que padecem perseguição pela justiça; (que he a virtude) porque delles he o Reyno dos Ceos. (Math. 5.)* E S. Paulo diz que: *Todos os que quizerem viver piedosamente em Jesus Christo, hão de padecer perseguição. (2. Tim. 3.)* Este he o pão regalado dos justos, e sem elle he suspeitosa a virtude; se o Director governar algũa alma que o não goste, tema-se da sua virtude; e se elle mesmo não gostar d'elle hum bom pedaço, fie-se tambem pouco na sua. (*Veja-se o Prologo an. 18.*)

419 Como Deos chama aqui a alma, ou a tem já no estado da contemplação infusa, não a faça o Director deter mais em meditações, e discursos, como aconselha S. João da Cruz; (*Llama Canc. 3. v. 3. §. 6.*) porque se cansará sem fructo, e irá contra as disposições do Senhor; mas fará que da sua parte sem buscar materia particular se conserve na noticia geral, e simplez de Deos, que he a contemplação activa, para que pondo-se ao modo de Deos, ou da noticia que elle lhe quer infundir, esta a ache disposta, para que juntando-se noticia com noticia, como diz o mesmo Santo, se complete, e aperfeioe a obra de Deos sem contradicção, antes com cooperação da creatura: advertindo, que aindaque ao principio lhe pareça que assim está ociosa, e nada faz, não deixe por isso de perseverar na diligencia dessa ociosidade, e noticia; porque, como dissemos, ao principio he mui subtil, e imperceptivel, por não ser tanto segundo o sensitivo, como as meditações antecedentes, pois este sensitivo he que o Senhor quer nella converter em espirital. Se porém vir que de todo nada obra, busque o arrimo da me-

ditação , e tente a ver se assim póde andar ; porque esta he o refugio de todos os estados , quando se não póde achar outro caminho ; ou para melhor dizer , em quanto por este se póde andar , não se ha de buscar outro , porque , como dissemos com S. João da Cruz , só se ha de passar á contemplação , quando se não poder meditar ; e por isso se a creatura vê que buscando a meditação tambem a não póde achar , torne á contemplação , por que he final , de que nella a quer Deos , e que algũa cousa faz nella , aindaque o não perceba.

420 O que dizemos , que se não detenha aqui em meditações , e discursos , se deve entender , que os não tenha como principal , e total objecto da oração ; mas não que se não valha delles como principio , e disposição para a contemplação ; pois , principalmente nos principios deste estado , como vai misturado sobrenatural com natural , e espiritual com sensitivo , não ha total abstracção de imagens ; antes destas se deve valer , e fecundar-se o entendimento , para dos discursos , que á cerca dellas fizer , tirar aquella noticia geral , que dissemos , a qual he a contemplação activa , em que a alma ha de pôr aqui o maior cuidado , e ha de fer o exercicio proprio da sua diligencia para Deos infundir a passiva sobre este bem lançado fundamento quando for servido. Quando Deos anda purgando a alma com esta noite escura do sentido , não deve o Director carregá-la de penitencias ; porque não se deve dar afflicção ao afflicto , e por não lhe fazer mais infoportaveis os trabalhos ; antes a deve consolar , e animar nelles , para que não se intimide , e se deixe do caminho do espirito , como aqui fazem muitos por se lhes representar cheio de monstros , feras , e perigos , como aos filhos de Israel pintárão os exploradores da terra da promissão ; e quando não tornem atrás , sempre este medo póde fazer que não vão adiante , e ahi fiquem sempre , e ahi acabem , como tambem succedeu aos Israelitas , que de seiscentos mil só dous que não temerão , forão adiante , ficando , e acabando todos os mais pelo deserto em castigo da sua fraqueza.

421 A materia da meditação deve aqui ser a vida, e payxão de Jesus Christo, cujos trabalhos nos são esforço, e alento para os nossos; e tambem a da bondade, misericordia, e amor de Deos, e das felicidades eternas como premio dos mesmos trabalhos, cuja esperança infunde valor, e constancia para os tolerar. Acautele-se de meditações tristes, e de temor, excepto algũa vez por acaso, ou quando o Director vir que a alma vai declinando para os vicios, e affroixando na pratica das virtudes, e exercicios santos, que então a deve despertar do lethargo com esse remedio sensível, mas em tornando em si, torne tambem ás meditações do estado. Por ellas deve principiar a oração, e nellas póde continuar a contemplação, que tambem são materia della, se se foubere extrahir a noticia geral, simplez, e confusa, que dissemos quando Deos não der, ou se não poder achar a da Divindade em si.

422 Aqui, e sempre daqui por diante deve aspirar, e fazer diligencia por se augmentar nas virtudes, principalmente na conformidade, e união da sua vontade com a de Deos: e tambem em vaziar as potencias espirituas de noticias estranhas, e impertinentes, que isto he continuar na pratica da illuminação activa, e da união, e purgação do espirito tambem activas, cujo exercicio nunca se deve deixar, antes praticar-se com tanto mais desvelo, e diligencia, quanto se for adiantando no espirito; pois he isto obra, que nunca chega a tanta perfeição, que se lhe não possa accrescentar muita mais. A presença de Deos deve ser intellectual, e continua quanto poder ser. As jaculatorias devem ser aqui mais frequentes, e de forte que infundão valor, e confiança em Deos, como estas: *Ainda que sou fraco, Senhor, tudo posso em vós, que me confortais. Vós sois o meu auxilio nas tribulações, que me cercão. In te Domine speravi non confundar in aeternum. Domine exaudi orationem meam, & clamor meus ad te veniat.* Se o Director vir que a frequencia de sacramentos a conforta, não lhe seja escasso das mercês do Deos liberal; e ainda que lhe não seja sensível o seu ef-

feito, não deixe de lhos fazer frequentar, porque insensivelmente o communicão ao espirito.

423 Tanto que vir que se vão retirando as trevas, e arraiando o dia; isto he, que a alma vai saindo daquelle noite de trabalhos para o dia das consolações, que a seguem, o que será, como dissemos, quando Deos for servido, e ella estiver sufficientemente purgada, conheça que se vai acabando a purgação do sentido, e vai a alma entrando na illuminação passiva, e estado de gostos, consolações, e contemplação infusa conhecida, e saborosa, que dissemos, e oração de recolhimento, e quiete infusos, embriaguez, somno de potencias, e vistas dos esposos, tudo pela ordem, e como nos seus respectivos lugares se disse. Em todos estes favores, e communicões divinas deve o Director acautelar a creatura, para que os não receba com tanto apêgo, que lhe pareça que está melhor assim, do que sem elles, e se não entregue tanto ao gosto sensível, que mais vá á oração, e exercicios pelo gosto que nelles experimenta, do que pelo amor, que deve a Deos, que será encher-se de soberba, e procurar mais o seu gosto sensível, do que o serviço, e vontade do Senhor.

424 Persuade-lhe que estes, e outros semelhantes beneficios são fazenda, e bens do Senhor, que os póde conceder a quem quizer, e ainda aos grandes peccadores sem merecimento nenhum da sua parte; e que não dão merecimento á creatura, antes a poem em maior divida, e obrigação, e será maior ingratição o offende-lo, ou não lhe conresponder, como deve; que por isso se não desvanença, nem deseje, ou estime com muito apêgo as sobrenaturalidades, antes tema que nellas se involva o inimigo, que muitas vezes se transforma em Anjo de luz, e finge seus gostos, visões, e cousas semelhantes para enganar: por isso nem deve fazer muito caso dessas consolações sensiveis, nem dar-lhes credito, ou proceder a alguma execução do que nellas lhe for inspirado (ainda que lhe pareça ser de Deos) sem o communicar á obediencia, e seguir o dictame della; que ainda que seja de Deos, e

a obediencia mande o contrario, quer elle mesmo, e o tem dado a conhecer muitas vezes, que antes se figa a obediencia, do que a sua inspiração; porque se elle quizer, elle moverá a vontade do Director para o que elle quer. Finalmente conheça a creatura, que a virtude, e perfeição está no que obrar, e não no que receber; está na humildade, caridade, paciencia, desprezo proprio, e não nos gozos, e delicias do espirito; está em padecer, e não em gozar; guarde o gozar para a terra do descanso, agora seja todo o seu gozo o padecer, e ser desprezada pelo Senhor, como pedia S. João da Cruz para si, como tão certo do que lhe estava melhor. (*Vida* §. 7.)

425 Advirta-lhe o Director que aquellas consolações não são de dura, mas que he hũa refeição, com que o Senhor a quer alentar para os novos trabalhos, que a esperão, e maiores q̃ os passados; que he o pão dos fatigados Elias para lhes dar fortaleza, com que andem o trabalhoso caminho, que ainda lhes resta athé chegar ao monte de Deos, que he o da perfeição; mas principalmente são para lhe dar forças, com que possa passar sem desfalecer a pronlogada, e tenebrosa noite da purgação passiva do espirito, que immediatamente se lhe segue. O modo como se hão de portar hum, e outro nas visões, e favores sobrenaturaes, e como se há de discernir o falso do verdadeiro, se dirá quando se tratar delles no tratado seguinte, principalmente no capitulo quarto. (*an.* 463.) Só agora advirto ao Director com S. Theresa (*Morada* 6. c. 1.) que ainda que não deve ser facil em acreditar, nem ter por verdadeiros, e sobrenaturaes os favores, que a creatura lhe communica mas ser nisso mui circunspecto, e acutelado porque muitos podem ser illusões do demonio, outros ficções da fantasia, e outros malicia da creatura; tambem com tudo não deve condemna-los logo a falsidade sem madura ponderação, e bastante probabilidade, que para isso lhe dê fundamento; pois o contrario será acrescentar novo tormento á creatura, induzi-la a desesperação, e elle expor-se á imprudente temeridade de capitular a obra de Deos por obra do demonio.

426 Neste tempo das consolações he o amor de Deos ; a sua bondade , a Divindade em si , e seus attributos , e perfeições toda a occupação da creatura na oração , e fóra della. Aqui infunde o Senhor presença sua intellectual , ou imaginaria quasi continua , e anda a creatura com hum amigavel , e intimo commercio com o Senhor ; e quando elle não der esta presença , solicite-a ella por sua diligencia. As jaculatorias todas aqui são actos de amor de Deos , e tanto mais intensos , e frequentes quanto mais se vai incendendo o coração no mesmo amor por força dos mesmos gostos , favores , e communicações divinas. Tenha muito cuidado o Director em que a creatura não deixe ir muito o sensitivo atras das consolações , porque além dos inconvenientes já ditos , a muita exuberancia do gosto sensível faz atear com excessão o ardor natural , o qual consome os espiritos animaes , debilita as forças , e introduz fastio a todo o alimento , e he perigo de a constituir em húa nimia debilidade , que a impossibilite para todos os exercicios corporaes , e espirituaes. Obrigue-a a que coma por obediencia , determine-lhe que durma o tempo necessario , e que se faça força por se não deixar attrahir com excessão daquellas sensibilidades gostosas.

427 Aindaque aqui he a contemplação infusa mais frequente , e por alguns espaços , ou dias costuma ser quasi continua , a creatura se ha de exercitar na activa , quando ella faltar , e para esta entrar pela porta da meditação da vida , e Payxão de Jesus Christo , ou da Divindade , e suas perfeições , e attributos. Aqui lhe deve o Director dar larga para que accrescente a oração athé tres horas , mas não tanto , quanto lhe pedirá o fervor sensível pelas causas ditas. Conceda-lhe mais frequencia de communhões , e se lhe parecer conveniente , lha póde conceder quotidiana. Em penitencias deve aqui condescender mais com o grande desejo que a creatura tem de as fazer grandes , porque neste estado , como diz a Madre S. Theresa , (*Vida c. 24.*) se a creatura não faz penitencia , lha dá Deos com lhe fazer padecer muitos males ; pois aqui não se ha de attender tanto ás forças da creatura ,

como ás que o Senhor lhe dá: e muitas vezes succede que estando com dores, ou afflicções recupere faude, e alivio com algum acto de penitencia, de que são muitos os exemplos.

428 No q̄ mais deve empenhar seu cuidado he em a fazer despir de todo o amor proprio, timbres da carne, e apêgo aos bens, e conveniencias temporaes, que se ha isto, ainda que tenha muitos annos de oração, ou para melhor dizer, de consideração (porque se tiver oração perfeita ella tirará estes defeitos) nunca medrará muito, nem chegará a lograr o verdadeiro fructo da oração. Do apêgo aos bens do mundo diz S. Thereza, (*Mor. 3. c. 2.*) que he hum dos maiores embaraços para subir á união com Deos, porque repugna ter o coração unido a Deos, e ao mundo. E na verdade, se hũa creatura tem o bastante, ainda que com escassez, para se sustentar, e busca mais, e mais; se se sente com desassossego quando tem hũa perda, como póde dizer que tem deixad tudo de coração pelo Senhor, como he necessario para se unir com elle, se elle lhe vê o coração tão apegado a hum nada! Não se faça pouco caso do que parece pouco defeito, porque vai muito nisso para a perfeição, e quem tiver os sobreditos, por melhor intenção que tenha não ha de chegar á perfeição, nem á união com o Senhor.

429 Pela continuação, ou suspensão destes gostos, e communicações sobrenaturaes conhecerá o Director quando a alma sae dellas, e da illuminação passiva, e tem entrado na purgação passiva do espirito, para a qual serve muito o que na do sentido se lhe disse, (*an. 417.*) com a differença de que como esta he mais terrivel, e trabalhosa, tambem aqui deve ser maior nelle o cuidado, paciencia, e caridade; pois se póde dizer que este he o maior despenhadeiro, que tem as almas no caminho do espirito, e o passo mais trabalhoso de passar; porque além da suspensão, que Deos lhe permite, dos gostos, e favores sensiveis; além das trevas, e trabalhos, em que para seu bem a introduz; o demonio raivoso da felicidade, que a espera se passar com animosa constancia esta tra-

balhosa tormenta, poem da sua parte maior força, e diligencia por lha fazer mais espantosa a fim de a aterrar, e intimidar, para que lhe fuja, e se retire do que se lhe faz tão custoso; e Deos aqui permite licença ao demonio para que a persiga, e tente, como ao S. Job, e se a alma não he forte, animosa, e constante, e não tem quem a anime, e ajude a vencer, facilmente desfalecerá na contenda, como por desgraca aqui succede a muitas, faltas de valor, e constancia.

430 Trate aqui o Director á alma com prudente humanidade, e brandura, não lhe dando palavras pesadas, nem se mostrando com ella aspero, e riguroso, (se isto estiver na sua mão, que quando Deos o permite não ha remedio, e elle permite-o muitas vezes para maior tormento, e prova da creatura) e muito menos a intimide, nem lhe diga que está perdida, ou illusa; porque a póde induzir a desesperação; mas console-a, e anime como a fraca, e enferma. He bem que lhe modere as penitencias, e ainda que lhas tire de todo por algum tempo, se lhe parecer que convem; porque a pena, que interiormente a atormenta, excede todas as penitencias exteriores: antes será conveniente que algúas vezes lhe permita algúa honesta recreação, se acaso esta lhe não causar maior pena como regularmente succede; porque como a sua tristeza, e pena não he por cousa, que lhe falte do mundo, nada do mundo lha póde aliviar, e só se aliviará se lhe dessem noticia do bem, que perdeu, e porque suspira, que he a presenca do Amado.

431 He mui conveniente neste laborioso caminho a refeiçao, e fortaleza da Sagrada Communhão; por isso a deve receber com frequencia mais que ordinaria, e o Director a obrigue, ainda que ella lhe tenha repugnancia; porque aqui pelo seu fantastico temor, e maior conceito que faz da divina grandeza, tem grande tentação de não commungar, e o demonio a augmenta, para que faltando-lhe esta fortaleza no espirito a vença mais facilmente. Ainda que Deos aqui a traz em contemplação infusa, supposto que não conhecida nem saborosa, ella se deve exerci-

ercitar na adquirida deduzida da meditação da vida, e Payxão do Senhor, ou das felicidades futuras, ou da effencia, e attributos divinos, e poucas vezes em materias, que infundão temor. A presença de Deos he intellectual pela maior parte, e as jaculatorias conforme a estação, em que estiver o espirito, segundo a alternativa dos gostos, e tristezas, em que aqui se vê a creatura, como fica dito, (n. 407.) se em gostos, sejam de affectos, e amor de Deos; se em tristezas, e ausencias sejam aspirações laudosas, ou de louvor, e graças de Deos, ou de esforço, e alento nos trabalhos, e que induzão conformidade, e resignação na divina vontade.

432 Se o Director vir que a alma do estado das trevas, e amarguras se vê passar ao de claridade, e gostos do espirito, não julgue logo que já se acabou o inverno da purgação, e passarão os chuveiros das tribulações; mas observe se ella persevera nos gostos tranquilla, pacifica, e sem susto de os tornar a perder, que então será final que se vai acabando aquella trabalhosa tempestade; mas se vir que os gostos não durão muito, e que entre elles sente aquelles receios, que dissemos, (n. 408.) julgue que he aquella refeição gozosa, que ahi se disse Deos communica á alma compadecido do muito que a vê padecer, para a alentar para o que lhe resta de trabalhos, e então faça o Director que ella se aproveite daquellas suavidades quanto baste para se refazer dos trabalhos, mas que se não entregue a ellas com excesso de forte que passem tambem muito ao sensitivo, porque excederá o fim, porque Deos as permite, que he só como refeição passageira, e não para gostar de alento; por isso deve ordenar de tal sorte o affecto, que nem extinga este alivio, que o Senhor misericordiosamente lhe concede, nem permitta que o sensitivo se apegue de todo ao seu gosto: goste da doçura sem apêgo, nem propriedade, que hum, e outro excesso lhe será prejudicial, como quem come muito do mel, que provoca a vomito.

433 O modo de temperar estas consolações he que a alma tanto que vir que ellas se refundem no sentido,

faça força, se poder, pelas reprimir, ainda que seja por meio de algũa mortificação, e reduza ao espirito toda a força do gozo, aonde se liga a amatoria moção, a que elle excita: o que fará facilmente persuadindo-se de que brevemente lhe ha de vir maior escuridade, e trevas mais caliginosas; e tanto o serão mais quanto maior for agora a consolação; porque he alento para ellas, e o Senhor o dá á proporção do trabalho, para que he prevenção; por isso gozando tema, e temendo goze para ir tudo na ordem, e meio da virtude. Finalmente neste estado de aproveitados todo o cuidado do Director se reduz a duas cousas: que no tempo das trevas, e trabalhos console, alente, e alivie a alma quanto poder; e no tempo das consolações lhe tempere os gostos em hũa prudente mediania, e a conduza a hũa simples, e nua pobreza de espirito: pois quanto mais cedo a fizer evacuar de todo o desordenado apêgo tanto ás conveniencias temporaes, e affectos terrenos, como ás consolações espirituas, e a fizer buscar só a Deos por amor d'elle só, e não de si, estimando mais o dador do que o dom, tanto mais de pressa se terminará a purgação do espirito, que não se encaminha a outra cousa senão a arrancar d'alma a propriedade, e apêgo a si.

434 Com a communicação dos favores, que Deos neste estado faz á creatura, e muito mais com os que no tratado seguinte se dirão, costumão excitar-se huns taes impetos no interior da mesma creatura, que ás vezes, (sem que ella o advirta, nem possa reprimir-se) a fazem romper em algũas palavras hũas vezes balbucientes, outras expressas, em gemidos, ou em deliquios externos, que se fazem reparaveis, e suspeitosos ao mundo, e são causa de julgarem mal della, e de a murmurarem, e perseguirem; e ás vezes, como diz S. Theresa por experiencia propria, (*Vida c. 28.*) chega a perseguição, e murmurações a tal gráo, que a julgão enganada, e illusa, e ao Confessor com ella; e muitas vezes o advertem, a seu parecer com bom zelo, que se retire della, que ali ha engano do demonio, fingimentos, e outras cousas: e se

o Director for pusilanime, e não tiver o espirito de valor, e da verdadeira caridade, trepidará, e a desampará no maior perigo, e quando mais d'elle necessita. E como ás vezes vem estas advertencias, temores, e desconfianças de pessoas boas, sabias, e virtuosas, que com boa intenção acautelão, e querem evitar os perigos, he este o maior trabalho para a alma; e para o Director; porque a perseguição, que vem dos bons he a mais trabalhosa, porque traz consigo o testemunho do bom zelo; que a dos máos logo se faz suspeitosa de indiscreta. Cuide pois aqui o Director em se animar a si, e á creatura; segure-a, e segure-se, que se houver bom espirito, e intenção recta, ainda que se arme todo o inferno contra elles, o Senhor os defenderá. Trabalhe a creatura quanto poder por evitar essas exterioridades, (que quando Deos quer não ha que fazer) e se sem fingimento as tiver, e por isso for murmurada tirará o proveito, que o mesmo Deos quer.

TRATADO QUINTO

DO ESTADO DE PERFEITOS, OU VIA UNITIVA,
e seus exercicios.

CAPITULO I.

Em que consista o estado de Perfeitos, ou Unidos.

435 **O** Author da *Lucerna Mystica* (*Manud. prat.* n. 47., e 48.) faz differença do estado de *Perfeitos* ao de *Unidos*, e diz que o de perfeitos he só de contemplação activa, e o constitue naquelle tempo, que medêa desde os principios da purgação passiva do sentido, até o fim da do espirito, ao qual estado com tudo já chama via unitiva, mas de união activa, tendo constituido o da via illuminativa, e de proficientes antes da purgação passiva do sentido, a qual só concede, que ahi se começa; (n. 44.) e ao estado de *unidos*

dos chama propriamente de contemplação infusa , e diz que começa quando acaba a purgação passiva do espirito, e continúa até o divino matrimonio. (n. 76.) Eu porém não me posso acomodar com esta doutrina, e divisão, porque mo contradiz a experiencia, e por ser expresso de S. Thereza, e S. João da Cruz, o qual, como se tem dito, chama estado de aproveitados ao que o dito Author chama de perfeitos, no qual, como diz o Santo, e o mostra a experiencia contra o que diz o referido Author, já ha contemplação passiva, e tambem alguns espaços de união infusa, inchoada em gráo inferior, que he ao que chamamos vistas dos esposos; e ao estado de união de esposas, e de matrimonio divino chama o Santo estado de perfeitos. Veja-se todo o segundo livro da Noite Escura, em que o Santo trata da purgação passiva do espirito, e disposição para o divino desposorio, e se verá que em todo elle chama a esta purgação do espirito estado de aproveitados: e expressamente no primeiro capitulo do livro primeiro da Noite Escura diz, que pela purgação passiva do sentido principia o estado de aproveitados, acabado o qual entra a alma no de perfeitos, que he da divina união da alma com Deos.

436 Seguindo pois a este tão grande, e experimentado Mestre do espirito, e o commum dos Mysticos, e a mesma experiencia dizemos que o estado de *Perfeitos*, e de *Unidos*, ou de *Via unitiva* he tudo o mesmo, e começa acabada a purgação do espirito, quando o divino Esposo correndo a cortina q̄ o occultava, se manifesta alegre á sua amada, deixa cahir hũa copiosa enchente de gostos, e lhe cõmunica immensidade de favores divinos, visões, revelações, fallas, extasis, raptos, e outros que adiante diremos, até celebrar com ella o desposorio divino, que he a que chamamos segundo Ceo, ou segunda bemaventurança na terra, para a qual se dispos, ou a dispos Deos pelas penas daquelle segundo purgatorio do espirito. Passado algum tempo, em que a alma se goza, e dá os parabens a si mesma de hũa felicidade tão grande como estar desposada, e compromettida com o Ama-
do

do para o futuro matrimonio, como nella cresce o amor ao Esposo, tambem se avivão as ancias, e desejos daquelle casto conforcio; os quaes conhecidos pelo divino Amante, como não são menos os seus, antes mais, tambem se apresla quanto as disposições da alma o permitem, cuja falta he só a que retarda aquella apertada união, e a introduz na purgação do fogo, ou do amor, terceiro purgatorio da alma, que a acrisóla, e purifica para entrar ás bodas do Cordeiro.

437 Purgada a alma, ou o amor neste divino incendio, a introduz o Amado ao seu Thalamo, e celebra com ella aquelle matrimonio celeste, em que a alma fica divinizada, toda transformada em Deos, e neste terceiro Ceo ve, e ouve tão occultos segredos, e palavras, que não he licito ao homem dizê-las, como de si confessa S. Paulo: e neste estado persevera a alma sempre crescendo nos affectos, e familiar commercio com o Esposo cada vez mais intimo, e mais subido, e recebendo cada vez maiores graças, e cõmunicações divinas athé que chega o feliz, e desejado prazo de se dissolver, e ir estar com Christo na Patria, aonde só se consuma este felicissimo, e casto matrimonio.

438 Este estado de perfeitos he já todo de contemplação infusa, quasi habitual mais, ou menos alta, conforme a alma se vai adiantando nos grãos da união, e segundo a cooperação, e fidelidade ás graças, e favores, que o Senhor lhe concede. Da mesma sorte que a contemplação, assim vai tambem crescendo a união com o Senhor em grãos cada vez mais altos, e se vai cada vez mais apertando aquelle vinculo de mutuo amor, quanto a alma vai crescendo nos affectos, e disposições para o que Deos intenta nella obrar. Assim a este estado pertence tratar primeiro da união infusa, e seus effectos, e grãos. Segundo dos favores, e graças sobrenaturaes, que aqui Deos principalmente concede. Terceiro dos desposorios divinos. Quarto das virtudes em grão heroico como disposição immediata ao divino matrimonio. Quinto da purgação do fogo, ou do amor. Sexto do matrimonio divino;

no ; e ultimamente diremos hũa especial união da alma com Jesus Christo sacramentado.

CAPITULO II.

Da União Infusa , e seus effeitos , e grãos.

439 **J**Á dissemos (*an. 208.*) que a união se divide em adquirida , e infusa , e ahi tratamos da adquirida como em seu proprio lugar , reservando para este o tratar da infusa , como tambem proprio della ; pois ainda que nos outros estados póde Deos conceder , e de facto concede algũas vezes alguns ratos desta subida união ; e no de proficientes se faz o primeiro gráo della , que são as vistas dos esposos , como não he por habito , nem tão permanente como neste estado de perfectos , por isso aqui com mais propriedade pertence o tratar della. He pois esta *União Passiva* , ou *Infusa* hum conhecimento experimental , com que Deos se cõmunica á alma immediatamente por hum contacto substancial com ella , e por hum gôsto interno , em q̃ as potencias se chegão a Deos , e o conhecem presente , e unido ; a memoria por hũa advertencia tão fixa , que de nada mais se recorda se não do objecto , que a prende , e attrahe ; o entendimento por hum conhecimento como evidente não só por fé , mas tambem por dom de sabedoria ; e a vontade por amor quasi faciativo , e de fruição , e por gosto , e experiencia : a qual união se faz por illapso de Deos no centro da alma , e a enche de hũa indizivel paz , de sorte que nada a perturba ; fortalece-a para as contrariedades , e a accende em zelo da Gloria de Deos , e salvação das almas ; enche a creatura de hũa profunda humildade ; faz que não tema a morte , antes que a deseje para gozar da perfeita união.

440 Porém ainda que esta união se faz em todas as tres potencias da alma , unindo-se todas com Deos , o entendimento suspenso com admiração gozosa na contemplação altissima do Summo bem ; a memoria não se lembrando senão d'elle ; e a vontade amando-o com inexplicavel

cavel doçura; com tudo a principal communição desta Mystica Theologia he a vontade, e esta he a que mais propriamente se une com o Esposo: e assim, aindaque todas tres se digão estar unidas, o entendimento, e a memoria se ficão como á porta, e só a vontade entra no Sancta Sanctorum, e Mystico Ceo desta divina união abraçando-se com o seu Divino Esposo; e ella he a que tem aqui a parte principal; e do gosto, e suavidade, que ella admiravelmente percebe, se communica ás outras potencias; pois como a vontade tem a propriedade de possuir, e abraçar aquillo que ama, com este acto toca a Deos como presente na união, e o abraça, de cujo contacto, e percepção, como he de objecto tão bom sobre toda a bondade, lhe nasce hum gosto, e suavidade tão grande, que não se póde explicar facilmente; e como as potencias não tem este acto, tambem não gozão desta suavidade, senão mediante a vontade.

441 Para conhecer a differença que vai desta oração de união á de quiete infusa, dá S. Theresa tres sinaes. (*Morad. 5. c. 1.*) O primeiro he que na oração de quiete não estão unidas todas as tres potencias com Deos, senão *ad summum* a vontade, e por isso costumão chamar-lhe união imperfeita, inadequada, e não consumada; mas nesta de união está unida toda a alma, e todas as tres potencias (principalmente quando he grande) estão occupadas em Deos; mas não tão engolfadas, que não obrem; ainda que só podem empregar-se em Deos, e não ousão bulir-se, gozando cada húa a seu modo de tanto bem. O segundo final he que na oração de quiete está a alma como adormecida, não com somno corporal, mas com húa suspensão de potencias, que attrahe a attenção a Deos, e se acha gostosissima com o muito amor; mas como não he união forte, e perfeita, não sabe discernir se dormia, ou se estava acordada; se foi aquillo de Deos, ou se foi imaginação, ou demonio; e assim fica com muitas duvidas, e suspeitas: mas na oração de união, se he verdadeira, não só não ha temores, nem suspeitas se seirá, ou não de Deos, que antes fica a creatura com húa certeza

teza fixa , que imprime o mesmo Senhor no interior da alma , de forte que quando torna em si , de nenhũa maneira pôde duvidar que esteve em Deos , e Deos nella ; e com tanta firmeza , q̃ aindaque passem annos sem Deos lhe fazer mais esta mercê , nem se esquece della , nem pôde duvidar que esteve ali o Senhor. Mas advirto , que pôde a creatura julgar por certeza o que não he tal , e por isso sempre he necessario haver cautella , e advertir se há os outros sinaes.

442. O terceiro he que na oração de quiete ainda a alma faz algũa diligencia , supposto que suave , por goftar daquella doçura , como o menino , a quem a Mãe deita o leite na boca , que ainda que não tem o trabalho de o attrahir do peito , sempre tem o de o passar da boca ao estomago ; mas na de união nem ainda tem este trabalho de engulir aquelle suave alimento da doçura celeste ; senão que o acha mesmo dentro de si sem saber como lho introduzio lá o Senhor ; porque entra dentro do centro de nossa alma , e nos recolhe nelle a nós mesmos : e para mostrar melhor suas maravilhas não quer que tenhamos nisto mais parte , senão que a vontade se lhe tenha rendido de todo.

443 Tambem pôde servir de sinal de differença , que na oração de quiete ainda podem entrar alguns pensamentos , e imaginações , que inquietem ; mas na de união verdadeira já não ha pensamentos impertinentes , nem defeitos , porque em quanto ella dura não ha imaginação , nem memoria , nem entendimento , que possa impedir este bem : e o que mais he , que nem o demonio se pôde ali intrometter , nem fazer algum damno , porque como está Deos tão unido , e junto com a substancia da alma , nem se atreve o demonio a chegar , nem entende este segredo ; porque esta união he secretissima , e no mais subido do espirito : e assim como o demonio não conhece os actos das potencias espirituaes , se não se externizão , muito menos conhecerá este , que he no mais escondido dellas.

444 Os effeitos desta Mystica união são maravilhosos ; porque a alma fica toda incendida no divino amor ; fica
redun-